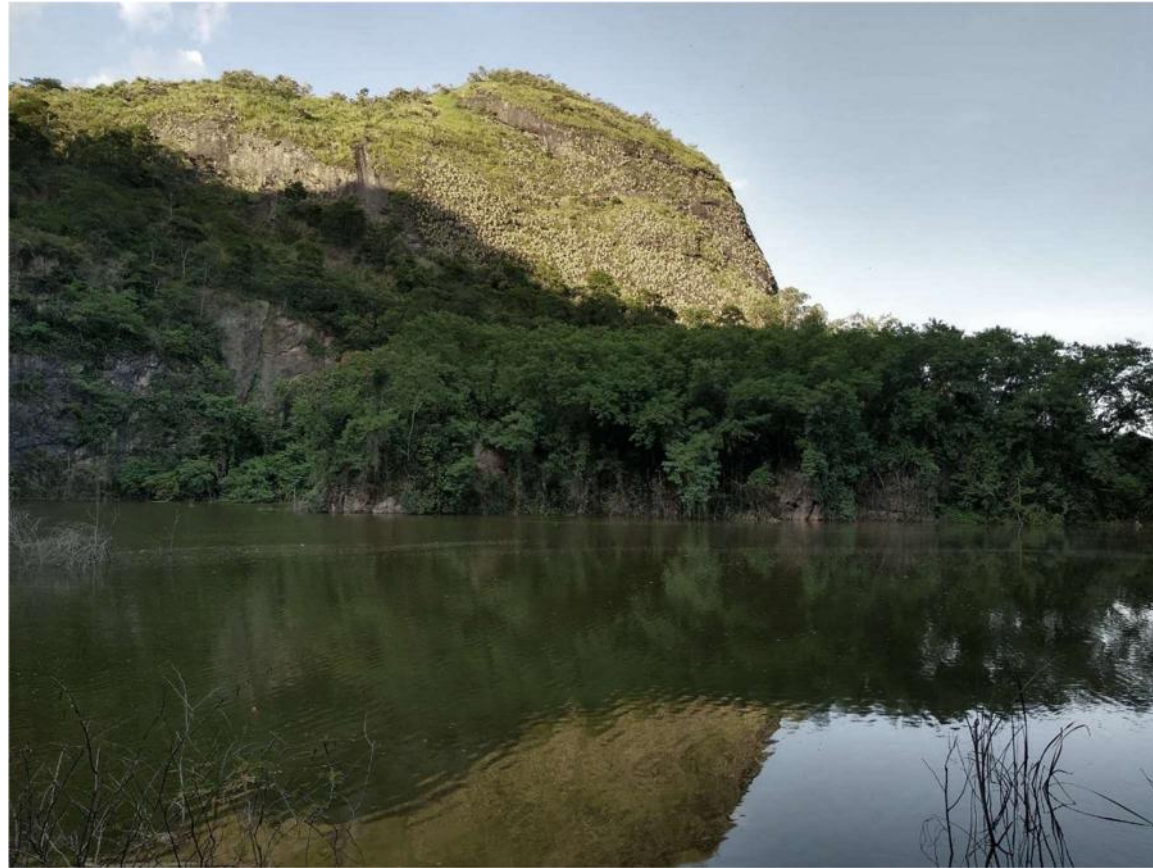


UM PARQUE NO LAGO DA LIGAÇÃO

Um novo núcleo para o
Parque Estadual da Pedra Branca

Plano Conceitual



Sumário

1. Introdução.....	3
2. Onde?.....	4
2.1 Localização geográfica.....	4
2.2 Bacia Hidrográfica.....	5
2.3 Vegetação Nativa e caracterização da área de intervenção.....	7
2.4 Aspectos biofísicos.....	10
2.5 Contextualização social.....	12
3. Por quê?.....	18
3.1. Problemáticas do local.....	18
3.1.1. Segurança para usuários do Lago	19
3.1.2. Processo de aterramento do Lago	19
3.2. Relevância do Parque Estadual da Pedra Branca e comparação com o Parque Nacional da Tijuca.....	22
3.2.1. Histórica e ambiental.....	25
3.3. Escala dos parques no Rio de Janeiro	29
4. Para quem?.....	31
4.1. Pesquisa de potenciais usuários desenvolvida.....	31

4.1.1. Resultado geral – Perfil.....	32
4.1.2. Moradores de Jacarepaguá.....	34
4.1.3. Moradores da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.....	39
4.1.4. Conclusão da pesquisa.....	40
4.2. Entrevistas com moradores.....	41
5. Objetivos do projeto.....	44
5.1. Objetivos gerais.....	44
5.2. Objetivos específicos.....	45
6. Metodologia.....	46
7. Aplicabilidade da metodologia.....	47
1. Programa.....	50
2. Zoneamento.....	53
4.2.1. Espacialização das funções.....	53
4.2.2. Caracterização dos ambientes...	54
8. Cronogramas.....	63
1. Cronograma Geral.....	63
3. Cronograma Detalhado de TFG2.....	64
9. Bibliografia.....	65
10. Acervo fotográfico.....	66
11. Imagem Síntese.....	69

1. Introdução



Presente trabalho tem por objetivo a criação de um parque como estrutura de lazer às margens do *Lago da Ligação*, numa área de pedreira desativada, que está localizado no sub-bairro de mesmo nome, no bairro de Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro - RJ, e estando também localizado na Zona de amortecimento da Reserva Ambiental do Parque Estadual da Pedra Branca, à sua limítrofe. O projeto busca propor meios que venham a amenizar diversas problemáticas existentes no local relativas à preservação ambiental e à segurança de usuários do lago, além de fomentar o turismo local, e também ressaltar a importância e relevância da área tanto para a comunidade na qual está inserido quanto para toda a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

2. Onde?

2.1 Localização geográfica

Local de intervenção está localizado na Cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Jacarepaguá, sub-bairro Ligeação, tendo acesso ao final da Rua Dr. Odim Góis e adjacentes.

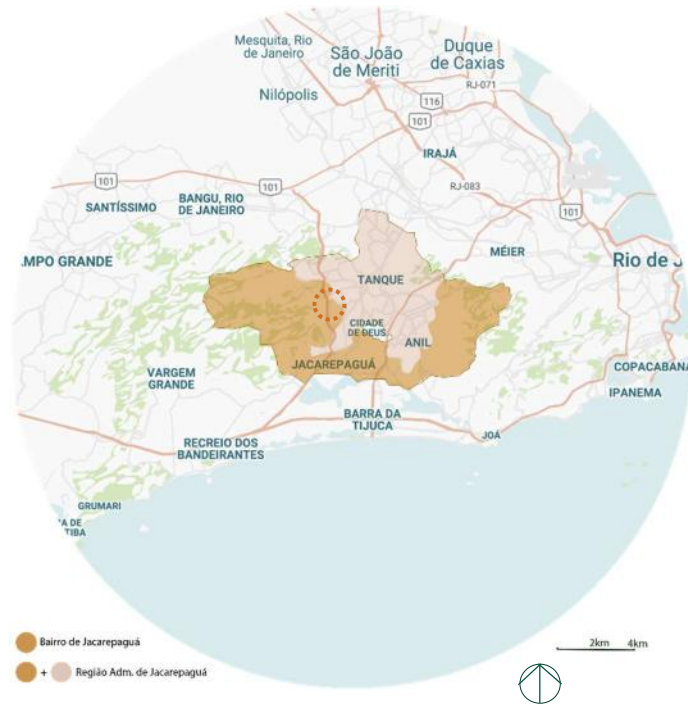


Figura 1, Região Administrativa de Jacarepaguá (mancha laranja), e marcação circular do local de intervenção.



Figura 2: Bairro de Jacarepaguá (mancha amarela).

Local de intervenção



Figura 3: Local de intervenção (aprox. 18,2 ha) na cor vermelha, e Lago da Ligeação na cor verde escuro.

2.2 Bacia Hidrográfica

O Lago da Ligação, também conhecido como Ilha do Sapo, e Lago da Pedreira de Copacabana, fica localizado quase que ao pé do Maciço da Pedra Branca, estando assim numa região mais baixa, porém, ainda bastante montanhosa. Em seu passado, no local costumava ser um local de extração mineral estando agora desativada, o que pode ser bastante relevante para entendermos seu terreno acidentado, já que a formação do lago se deu, muito provavelmente, devido ao acúmulo de água da chuva que ficou retida em meio às montanhas rochosas ali presentes em função da morfologia do lugar (figura 4), mas também devido às depressões geradas por anos de exploração e extração de minerais. Devido a esses fatores, e também ao fato de não estar ligado a nenhum rio, não pertencendo assim, a nenhum sistema ou região hidrográfica do Rio de Janeiro (figura 5, pág. 6), podemos classifica-lo como, segundo a classificação de CRISTOFOLETTI (1974), uma bacia *Endorréica*, já que:

“Quando as drenagens são internas não possuindo escoamento até o mar. Desembocam em lagos, ou se perdem em depressões cársticas”

Enquanto as regiões hidrográficas do Rio de Janeiro são classificadas pelo mesmo como *Exorréicas*, ou seja:

“Quando o escoamento da água se faz de modo contínuo diretamente até o mar”



Figura 4: mapa de relevo - fonte: Google Maps/ Atlas da cidade do Rio de Janeiro.

Local de intervenção

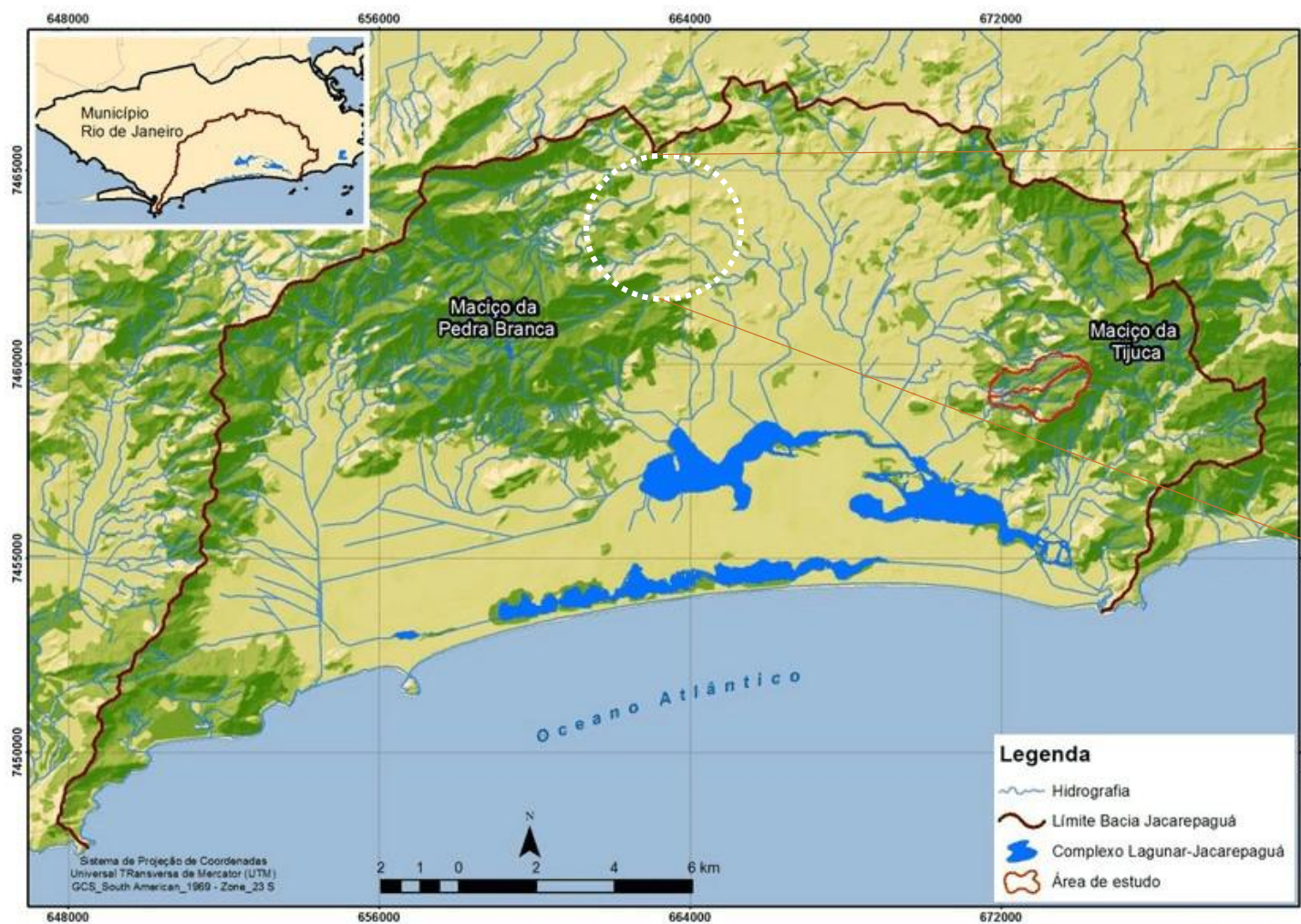


Figura 5: Sistema Hidrográfico da Baixada de Jacarepaguá, Rio de Janeiro (RJ), onde se insere a sub-bacia do Rio das Pedras - Fonte: Revista do Departamento de Geografia Universidade de São Paulo (2016).

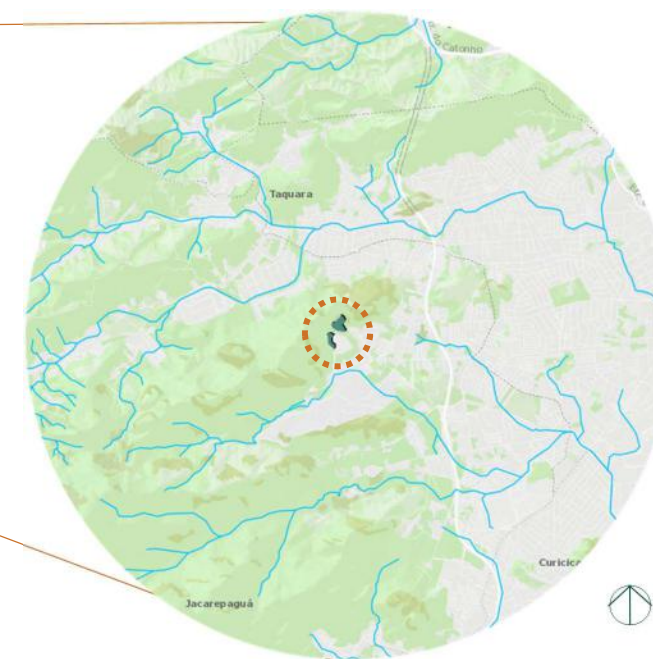


Figura 6: Sistema Hidrográfico da Baixada de Jacarepaguá, Rio de Janeiro (RJ), onde se insere a sub-bacia do Rio das Pedras - Fonte: Revista do Departamento de Geografia Universidade de São Paulo (2016). – zoom com destaque do local de intervenção.

Local de intervenção

2.3 Vegetação Nativa e caracterização da área de intervenção

O lago se encontra situado próximo a Reserva ambiental do Parque Estadual da Pedra Branca, localizando-se em sua zona de amortecimento (figura 8) e esse fato faz com que ele tenha em seu contexto uma riquíssima variedade e abundância de fauna e flora nativas.

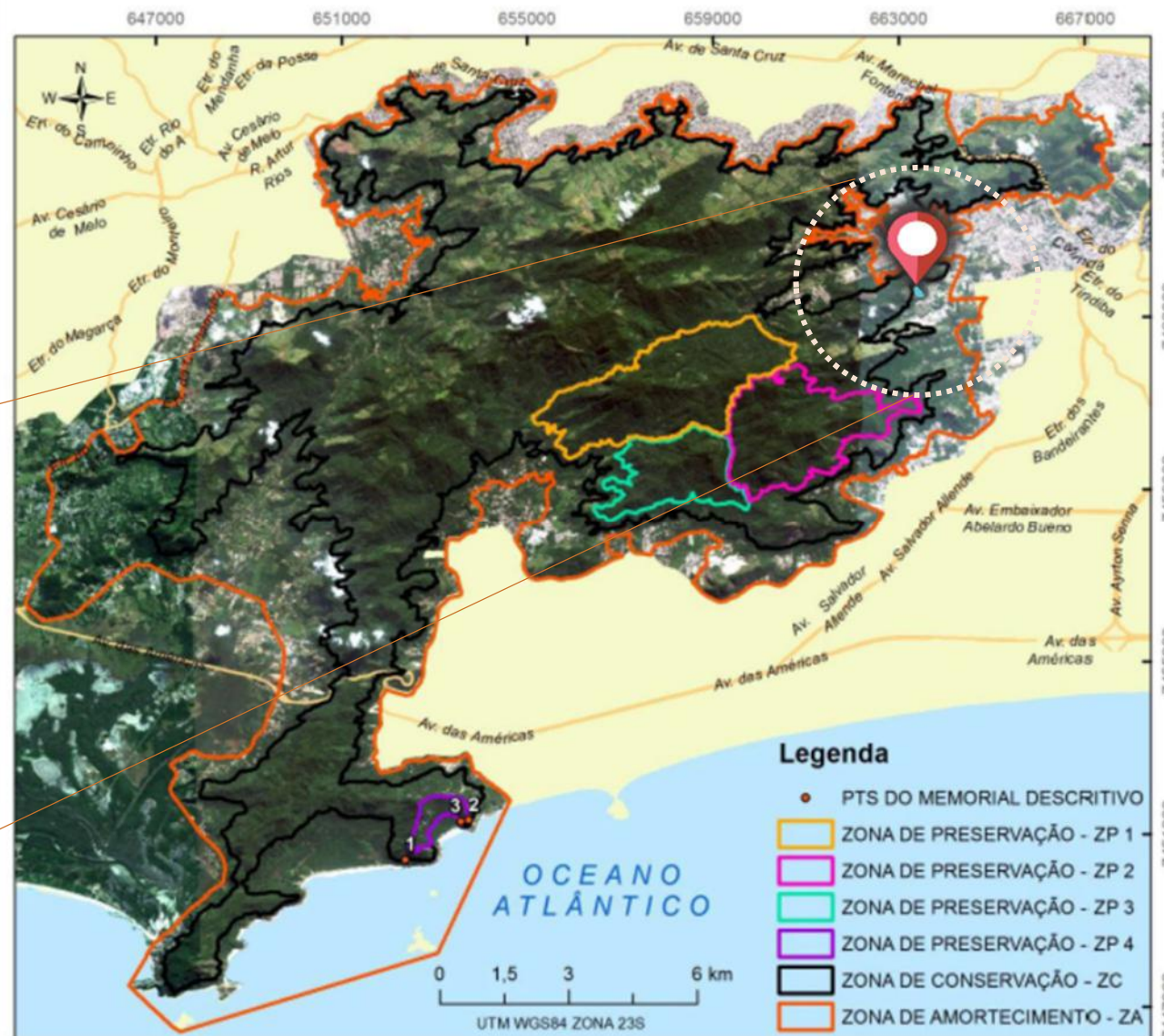


Figura 8: Localização do local de intervenção – Mapa de zoneamento do PEPB. Fonte: Plano de Manejo, INEA.



Figura 7: Localização do local de intervenção – zoom.

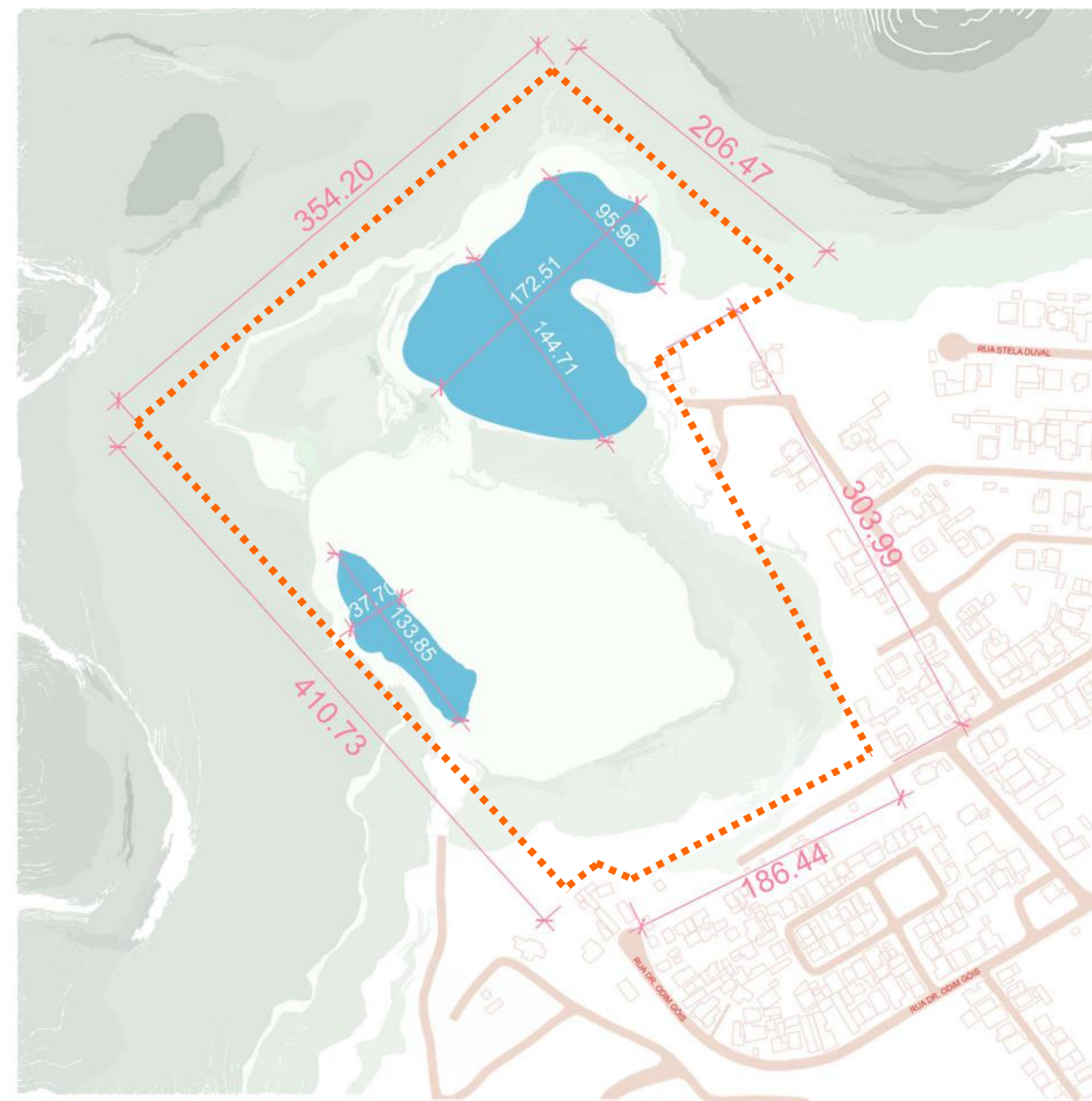
A área de intervenção e seu entorno imediato caracteriza-se da seguinte forma:

- Encosta
- Área aterrada
- Área de Mineração
- Árvores
- Área de intervenção
- Lago



Figura 9: Mapa de caracterização ambiental do entorno imediato e área de intervenção.

Embora ainda não seja possível demarcar o contorno definitivo da área de intervenção, o lançamento inicial possui as seguintes medidas:



ÁREA TOTAL : APROXIMADAMENTE 141.030 M²

Figura 10: Dimensões em planta baixa da área de intervenção. Base : Arquivo cadastral do Município do Rio de Janeiro.

2.4 Aspectos biofísicos

Por estar inserida ao pé do maciço da Pedra Branca, a área de intervenção é também abrangida por determinadas características biofísicas do Maciço, características essas que, por semelhança morfológica, podemos dizer que o mesmo possui em comum com o maciço da Tijuca. De acordo com *Atlas escolar oficial da Cidade do Rio de Janeiro*, o ponto culminante da cidade do Rio de Janeiro se encontra no Maciço da Pedra Branca, com 1025 metros de altura, o que o coloca na frente do pico do Maciço da Tijuca por apenas 4 metros de diferença. Além dessa característica topográfica, também podemos ressaltar suas grandes áreas de vegetação, tendo o Parque Nacional da Tijuca cerca de aproximadamente 3.700ha (fonte: plano de manejo. ICMBio), e Parque Estadual da Pedra Branca cerca de 12.500ha (fonte: plano de manejo. INEA). Apesar de a Reserva Estadual da Pedra Branca não possuir uma estação meteorológica, ficando assim restringida de informações a respeito de suas condições climáticas, e também o fato de que fenômenos climáticos tem relação direta com características do território como a altitude

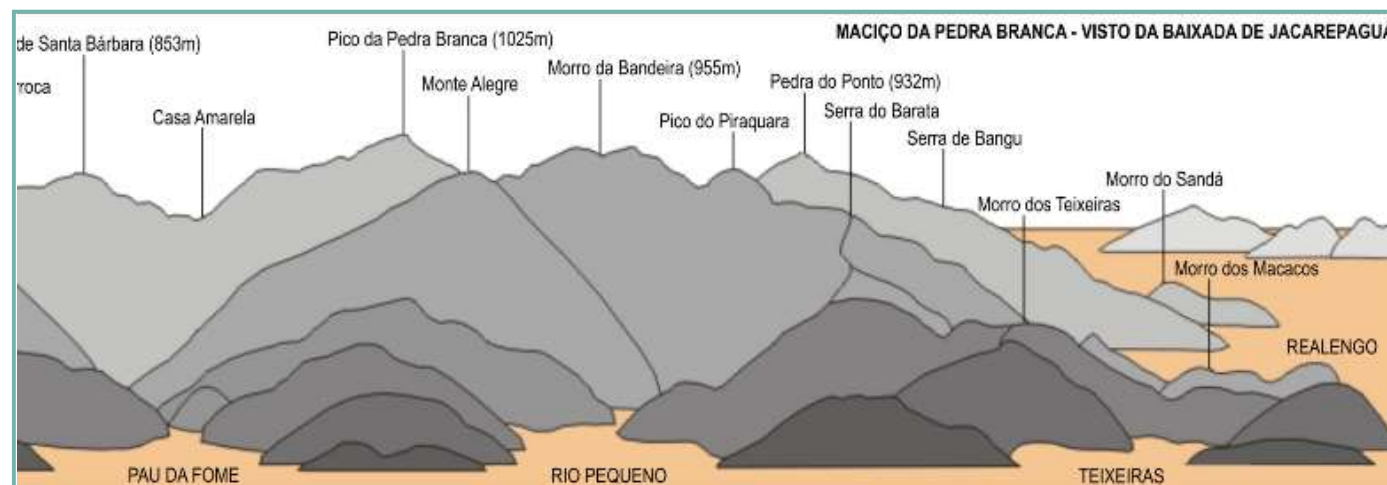


Figura 10: Vistas Morfológicas, Rio de Janeiro. Maciço da Pedra Branca Visto da Baixada de Jacarepaguá. (Fonte: Atlas Escolar do Rio de Janeiro <<https://pcrj.maps.arcgis.com>>)

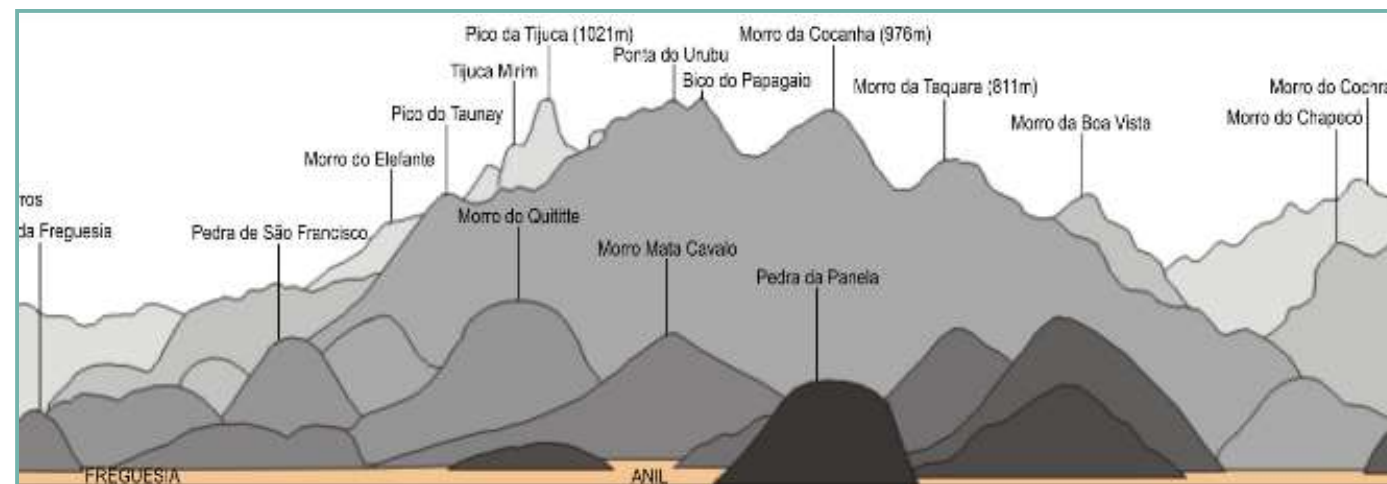


Figura 11: Vistas Morfológicas, Rio de Janeiro. Maciço da Tijuca Visto da Baixada de Jacarepaguá. (Fonte: Atlas Escolar do Rio de Janeiro <<https://pcrj.maps.arcgis.com>>)

e cobertura vegetal, acredita-se que o microclima no Maciço da Pedra Branca também se assemelha ao do Maciço da Tijuca, apresentando temperaturas anuais mais baixas quando comparado com as áreas de planícies cariocas.

Além da temperatura amena, outros aspectos biofísicos que podemos apontar, devido ao perfil topográfico altamente acidentado do local de intervenção, é a baixa incidência de iluminação no período da tarde. Como o lago está orientado à leste da parte inferior do maciço, fazendo com que seus cumes bloqueiem toda iluminação vinda do norte e oeste, recebendo apenas o sol da manhã. A morfologia do lugar bloqueia também a incidência de ventilação provenientes dessas orientações, o que pode não ser de grande prejuízo já que as orientações que possuem velocidades predominantes e maior frequência de correntes de vento no Rio são a sul e sudeste.

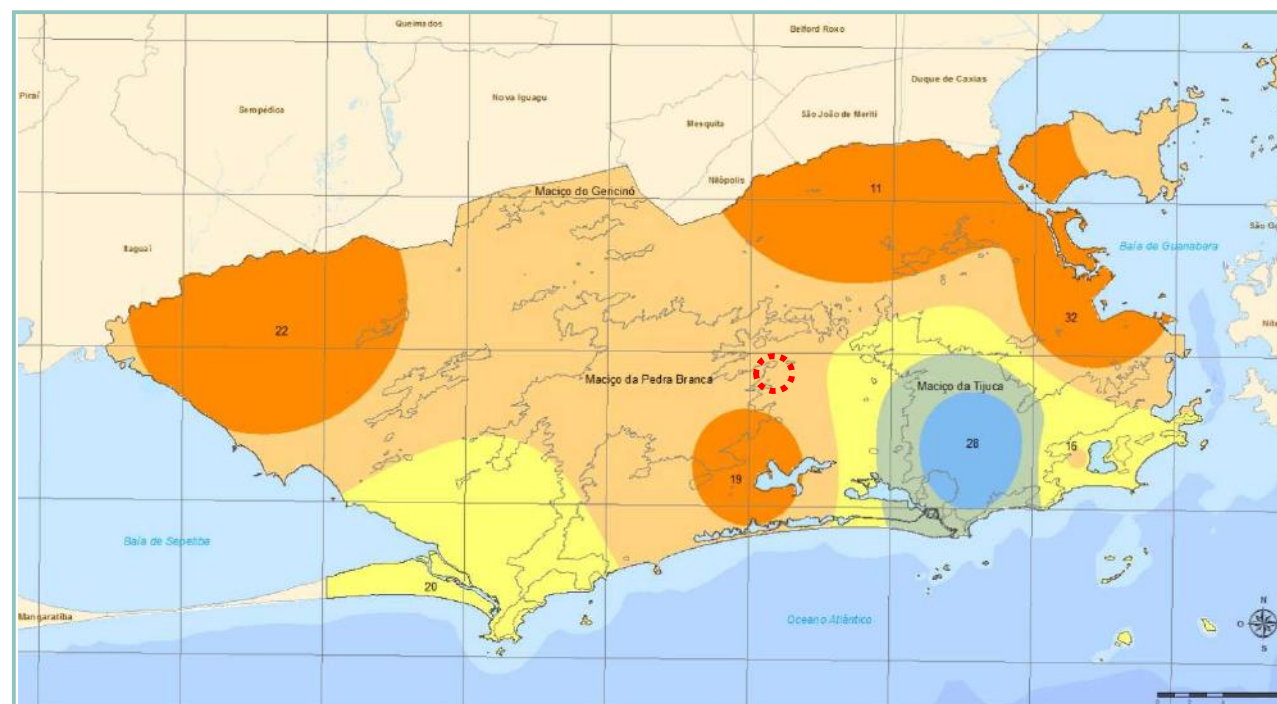


Figura 12: Temperatura Média Anual (período 2015/2016). (Fonte: Atlas Escolar do Rio <<https://pcrj.maps.arcgis.com>>)

Local de intervenção

Legenda

Temperatura em °C

- > 25,00°
- 24,67° a 25,00°
- 24,04° a 24,67°
- 23,00° a 24,04°
- < 23,00°

Estações Metereológicas

- | | | |
|----------------------|-----------------|------------------------|
| 11 - Irajá | 20 - Guaratiba | 28 - Alto da Boa Vista |
| 16 - Jardim Botânico | 22 - Santa Cruz | 32 - São Cristóvão |
| 19 - Barra/Riocentro | | |

2.5 Contextualização social

A área de intervenção é atualmente uma área desocupada cuja sua única utilização tem sido a visitação por pescadores locais. Embora tenha sido um local de exploração de empresas mineradoras, em seu Projeto de Alinhamento foi definido como uma área de uso residencial que posteriormente seria doada ao estado, caracterizando-a como uma área pública, ou *Próprio municipal*.

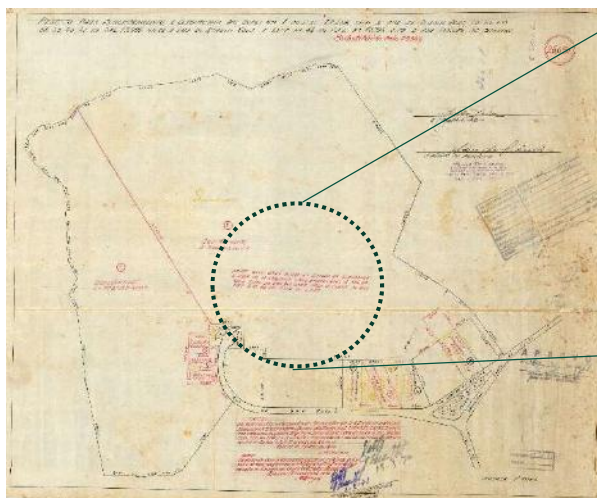


Figura 13: Projeto de Alinhamento Rua Odim Góis, Estrada da Ligação, 1967. Fonte – Acervo da Fundação Parques e Jardins RJ.

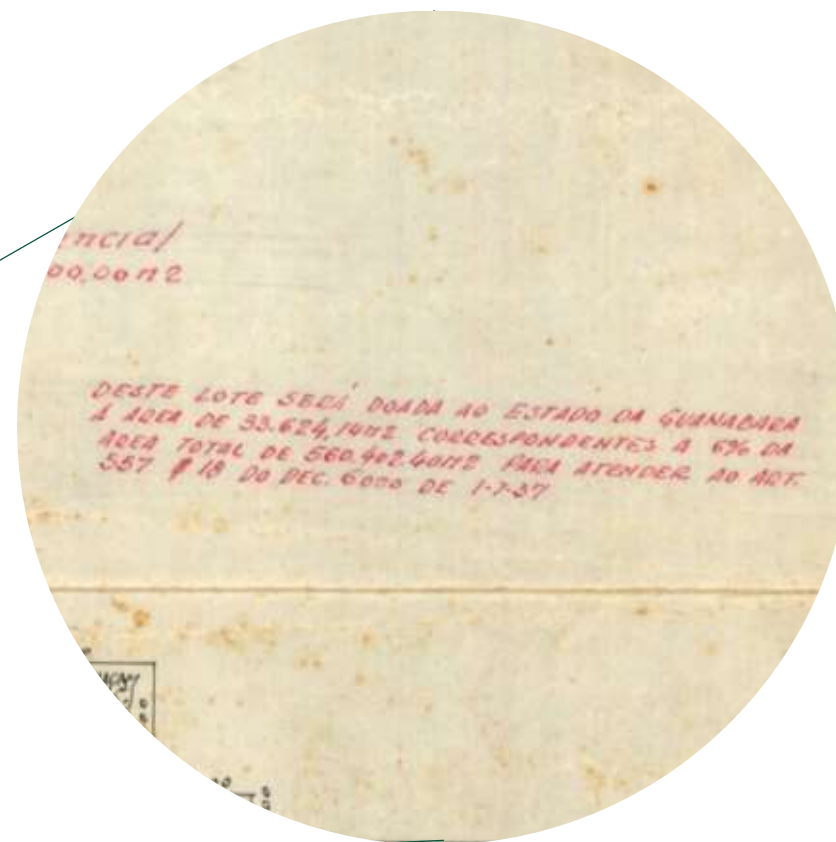


Figura 14: Projeto de Alinhamento Rua Odim Góis, Estrada da Ligação, 1967. Fonte – Acervo da Fundação Parques e Jardins RJ. Zoom

Os tipos de usos do entorno da área de intervenção caracterizam-se da seguinte forma:

- Bares
- Instituições religiosas
- Lojas e prestação de serviços
- Praças
- Empresarial
- Área de intervenção
- Sítios e Casas de festas
- Residências unifamiliares

Nota-se então que a área é majoritariamente residencial, de residências unifamiliares, contendo também uma grande porcentagem de área desocupada, além de alguns pequenos comércios e locais de prestação de serviços que apoiam a comunidade local. A área também compreende alguns lotes pertencentes à empresas, principalmente do ramo de exploração mineral.



Figura 15: Mapa de usos do entorno imediato.

O contexto no nível de sub-bairro no qual está inserido o local de intervenção, mais precisamente num raio de 3km, incluindo parte do sub-bairro Ligação e também parte do bairro da Taquara, também é majoritariamente residencial, principalmente de residências unifamiliares. Nota-se um número maior de lotes comerciais, e até mesmo pequenos centros gastronômicos, porém, as áreas de lazer limitam-se às pequenas praças locais.

- Institucional
- Escolas/EDIs
- Furnas Centrais Elétricas
- Hospitais
- Comercial
- Residencial Unifamiliar
- Pedreira
- Instituições religiosas
- Favelas
- Residencial Multifamiliar
- Centro gastronômico

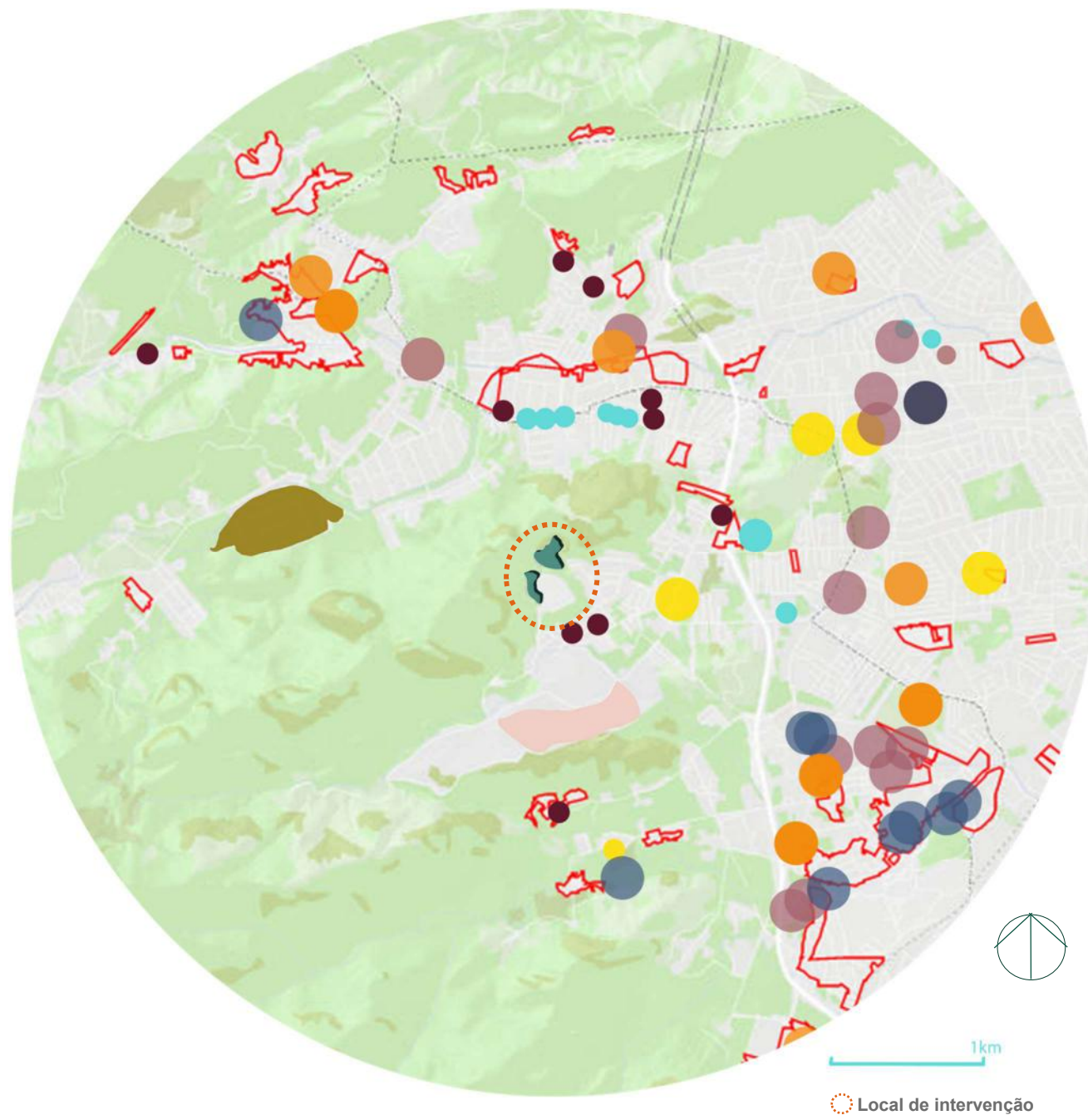


Figura 16: Mapa contextual. Nível sub-bairro (Raio de 3 km)

Abrindo um pouco o raio de visualização do mapa, encontram-se os únicos dois equipamentos de lazer e cultura da Região, mas que porém, não atendem aos moradores da baixada de Jacarepaguá e proximidades. O primeiro, a Lona Cultural Jacob do Bandolim (figura 17, em amarelo), localiza-se a aproximadamente 6,5km da área de intervenção. E o segundo, a Vila Olímpica Professor Manoel José Gomes Tubino (figura 17, em vermelho), localiza-se a 7,5km do lago.

Os dois equipamentos apontados não são capazes de atender aos moradores da região não só devido à distância, mas também à demanda populacional.



Figura 17: Mapa contextual com divisão dos bairros. Nível Região Administrativa de Jacarepaguá.

Local de intervenção

De acordo com os dados levantados no censo de 2010, O bairro de Jacarepaguá ocupa o sexto lugar no ranking de bairros mais populosos do país, enquanto seu vizinho, compreendido na mesma Região administrativa de Jacarepaguá, a Taquara, ocupa o 12º lugar (figuras 18 e 19), possuindo em conjunto mais de 250 mil habitantes, o que idealmente exige um pouco mais de apenas dois equipamentos de lazer.

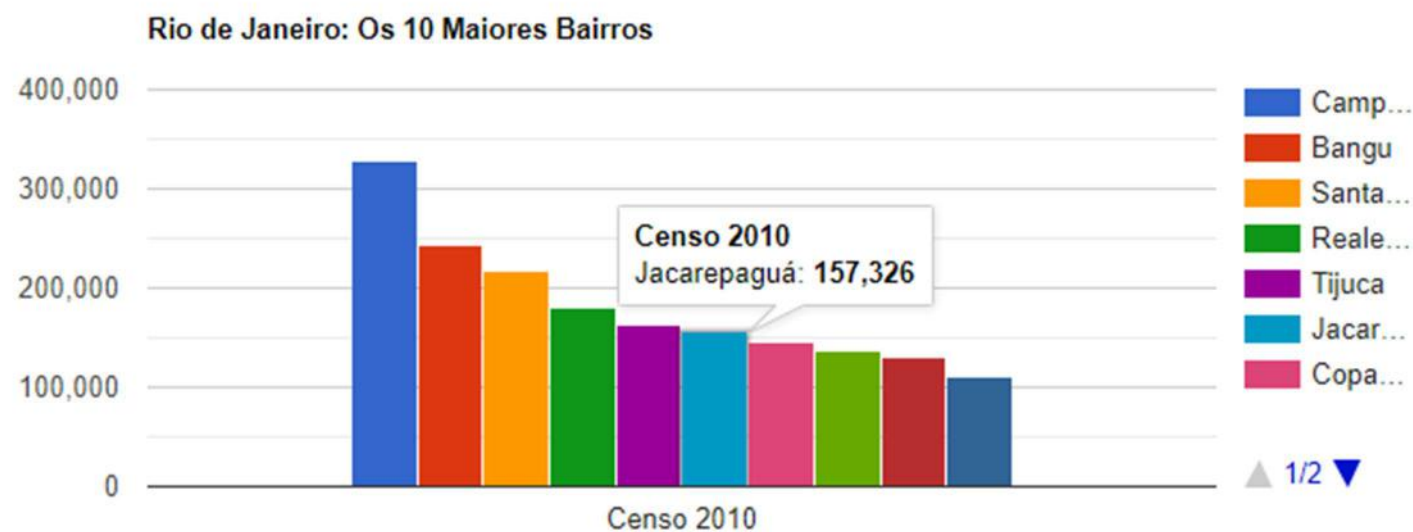


Figura 18: Ranking de bairros mais populosos do Brasil. Gráfico. (Fonte: Site População < <http://populacao.net.br/>>)

Bairro	População
Campo Grande	328.370
Bangu	243.125
Santa Cruz	217.333
Realengo	180.123
Tijuca	163.805
Jacarepaguá	157.326
Copacabana	146.392
Barra de Tijuca	135.924
Maré	129.770
Guaratiba	110.049
Senador Camará	105.515
Taquara	102.126
Pavuna	97.350
Irajá	96.382
Paciência	94.626

Figura 19: Ranking de bairros mais populosos do Brasil. Lista. (Fonte: Site População < <http://populacao.net.br/>>)

O sistema viário na baixada de Jacarepaguá também não se mostra muito eficiente. Com escassas linhas de ônibus, os moradores precisam depender apenas de meios de transporte alternativos, como é o caso das vans, que funcionam de maneira pouco supervisionada pelos órgãos regulamentadores. O meio de transporte mais eficiente na proximidade da área de intervenção é o BRT, que corta o bairro pela via expressa *Transolímpica*. As estações mais próximas se encontram a aproximadamente 2km cada (mas claro, sem contar a subida pela rampa que leva ao topo do viaduto onde as mesmas se encontram).

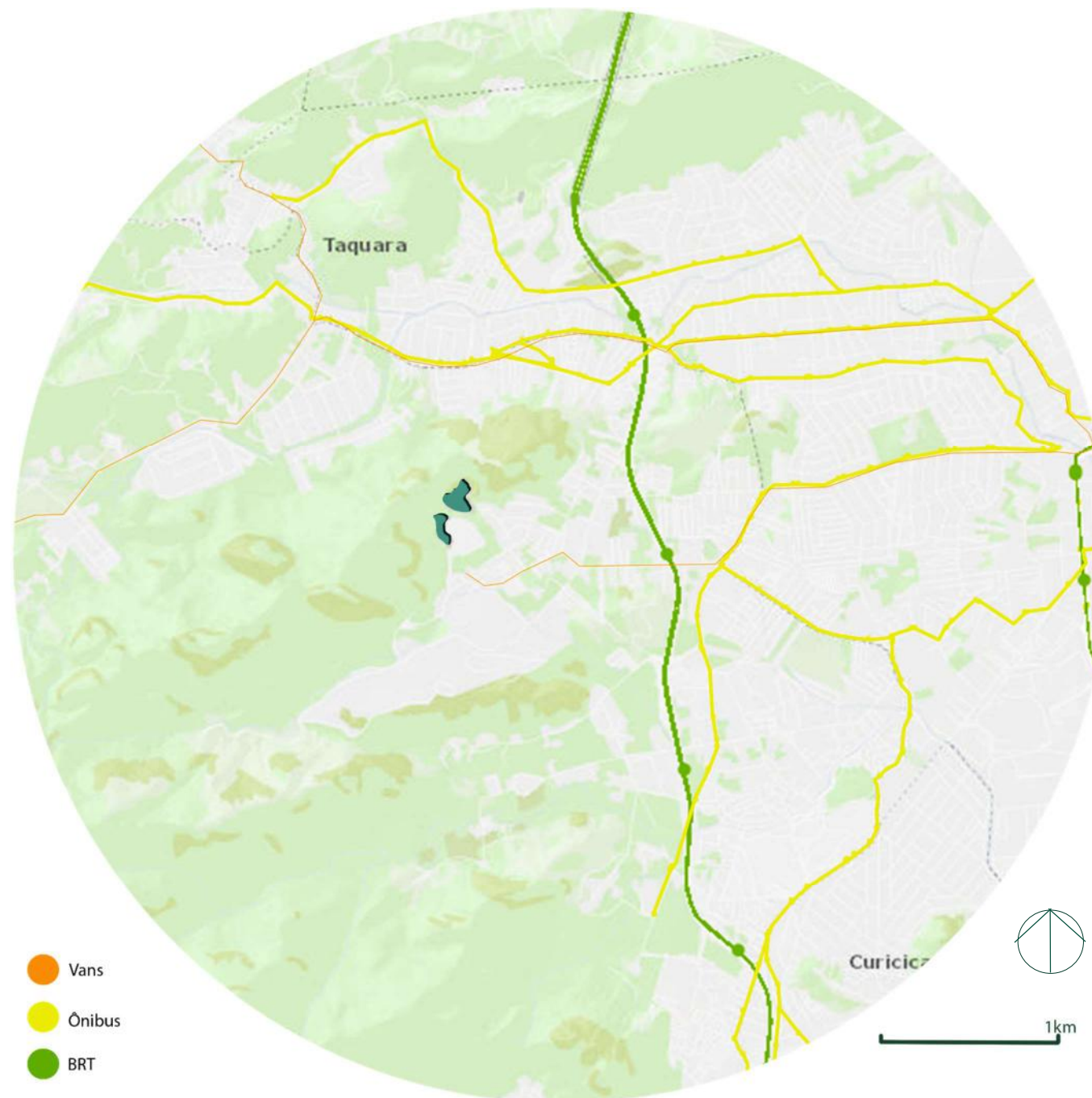


Figura 20: Mapa de sistema viário. Raio de 3km.

3. Por quê?

3.1. Problemáticas do local

O local de intervenção é uma área de pedreira desativada, onde por muitos anos houve extração de minérios, formando-se assim uma grande depressão, que com acúmulo de água da chuva, formou-se o Lago da Ligação. Essas circunstâncias moldaram a paisagem do lugar, tornando-o altamente convidativo para a contemplação (fig.21), porém igualmente perigoso para atividades de lazer, como o banho, mas tal falta de segurança não afastou banhistas que se aventuraram durante esses últimos anos, pulando dos cumes das montanhas que rodeiam o lago, em busca de diversão.

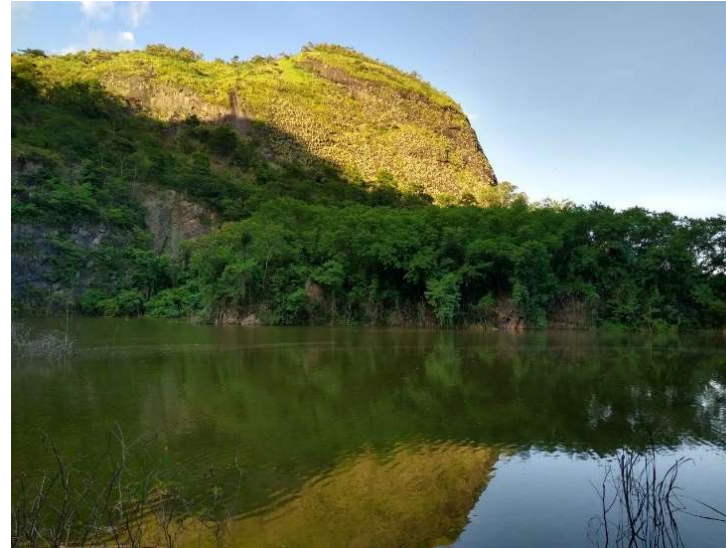


Figura 21: Foto atual do Lago da ligação (2020) - fonte: autora



Figura 22: Foto de antes do aterramento do Lago da ligação (antes de 2015) - fonte: disponibilizada diretamente por moradores do local.

3.1.1. Segurança para usuários do Lago

As imagens a seguir mostram apenas alguns dentre os aproximados 15 casos de acidentes (segundo relatos de moradores) que ocorreram no local desde o desativamento da antiga pedreira até o atual quadro de aterramento. Entre eles estão casos desde ferimentos e afogamento, até mortes no local (fig.23 e 24).



Figura 23: Matéria – Balanço geral RJ (17/03/2011). Acessível em <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/adolescente-morre-em-lago-de-pedreira-desativada-no-rio-18022020>



Figura 24: Matéria – Balanço geral RJ (05/01/2012). Acessível em <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/menino-de-12-anos-morre-afogado-em-lago-na-taquara-rj-18022020>

3.1.2. Processo de aterramento do Lago

O problema da falta de segurança no Lago e sua crescente popularidade entre moradores da região, somados ao descaso do poder público e o carecimento de uma correta intervenção levaram a uma resolução drástica: o aterramento, que se deu devido ao uso impróprio do lago como local de despejo de entulhos provenientes das obras e demolições (segundo morador local) ocorridas no bairro para a construção da via expressa *Transolímpica* entre os anos de 2012 e 2016 (figuras 25 a 33).

2012



Figura 25: Processo de aterramento do Lago. Imagem de satélite, 2012. Fonte – Google Earth.

2013



Figura 26: Processo de aterramento do Lago. Imagem de satélite, 2013. Fonte – Google Earth.

2014



Figura 27: Processo de aterramento do Lago. Imagem de satélite, 2014. Fonte – Google Earth.

2015



Figura 28: Processo de aterramento do Lago. Imagem de satélite, 2015. Fonte – Google Earth.

2016



Figura 29: Processo de aterramento do Lago. Imagem de satélite, 2016. Fonte – Google Earth.

2017



Figura 30: Processo de aterramento do Lago. Imagem de satélite, 2017. Fonte – Google Earth.

2018



Figura 31: Processo de aterramento do Lago. Imagem de satélite, 2018. Fonte – Google Earth.

2019



Figura 32: Processo de aterramento do Lago. Imagem de satélite, 2019. Fonte – Google Earth.

2020



Figura 33: Processo de aterramento do Lago. Imagem de satélite, 2020. Fonte – Google Earth.

Segundo a Lei Dos Crimes Ambientais (Nº 9.605 - 12.02.1998), capítulo v - DOS CRIMES CONTRA O MEIO AMBIENTE, Seção I - Dos Crimes contra a Fauna:

“Art. 33. Provocar, pela emissão de efluentes ou carreamento de materiais, o perecimento de espécimes da fauna aquática existentes em rios, lagos, açudes, lagoas, baías ou águas jurisdicionais brasileiras...”

E também, capítulo v - DOS CRIMES CONTRA O MEIO AMBIENTE, Seção III - Da poluição e outros crimes ambientais:

“Art. 54. Causar poluição de qualquer natureza em níveis tais que resultem ou possam resultar em danos à saúde humana, ou que provoquem a mortandade de animais ou a destruição significativa da flora...”

O aterramento que ocorreu no Lago da Ligação é ilegal, e por isso, um crime cometido contra a fauna e flora locais, assim como os moradores da região, usuários do lago, e demais cariocas.

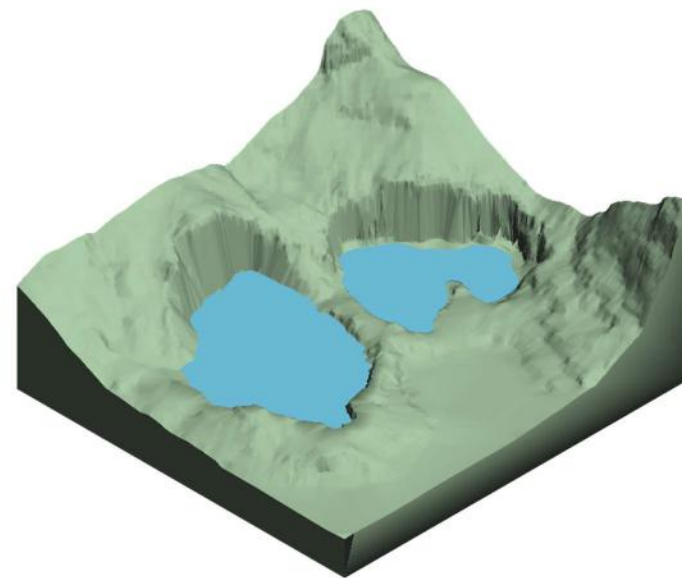


Figura 00: Lago no período anterior ao processo de aterramento – Modelo 3d produzido pela autora baseado nos dados planialtimétricos que se encontram no arquivo digital “.dwg” da cadastral do município do Rio de Janeiro de 2013.

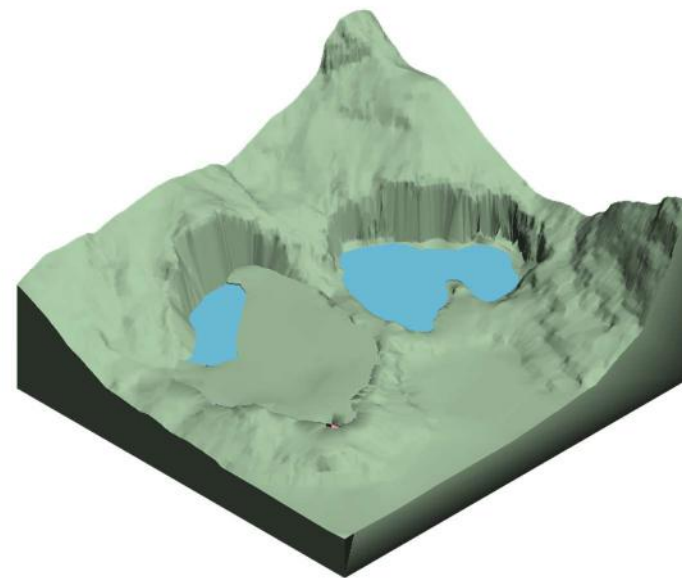


Figura 00: Lago no período posterior ao processo de aterramento – Modelo 3d produzido pela autora, que na ausência de novos dados oficiais, foi baseado na percepção da paisagem local através de visitas e estudo de mapas e imagens de satélite.

3.2. Relevância do Parque Estadual da Pedra Branca e comparação com o Parque Nacional da Tijuca

O Parque Estadual da Pedra Branca localiza-se no Maciço da Pedra Branca, na Zona Oeste do Rio. Os bairros que se relacionam diretamente com o Maciço são 12, sendo eles: Guaratiba, Barra de Guaratiba, Bangu, Realengo, Jardim Sulacap, Jacarepaguá, Barra da Tijuca, Vargem Pequena, Recreio dos Bandeirantes, Grumari, Senador Camará e Campo Grande. O Parque é classificado como a maior reserva florestal em área urbana do mundo. Com seus 125 Km² o mesmo possui uma área territorial bem maior que o Parque Nacional da Tijuca, com apenas 33 Km². Apesar de sua grandeza inegável, o PEPB (Parque Estadual da Pedra Branca) não supera o PNT (Parque Nacional da Tijuca) nem em relacionamento, devido a sua proximidade com outros pontos turísticos do Rio (fig. 35) e sua ligação direta com cerca de 20 bairros cariocas, e nem em popularidade, já que o mesmo se caracteriza como o endereço de alguns dos principais cartões postais da cidade, como o Pão de Açúcar, e o Cristo Redentor, que fazem dele

destino turístico do mundo inteiro, obtendo assim um alto índice de visitas anuais.

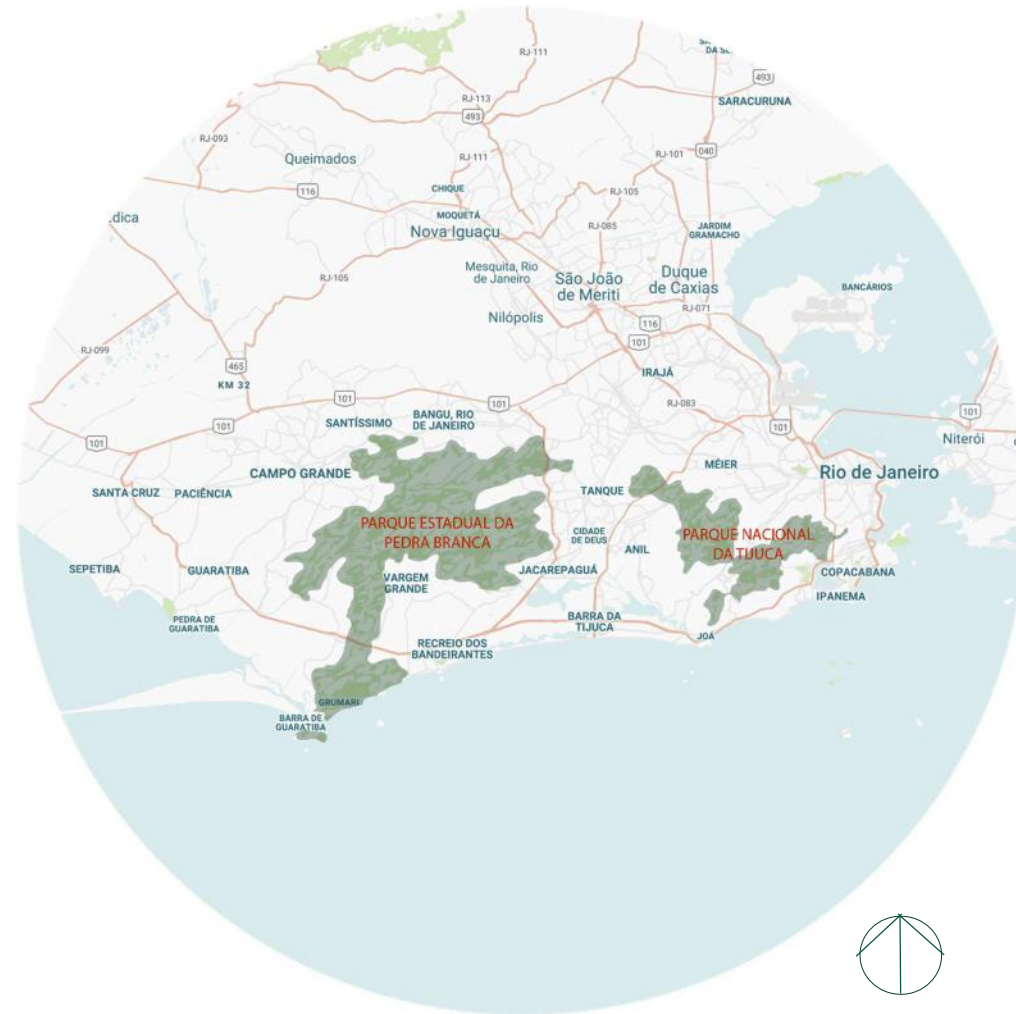


Figura 34: Florestas urbanas do Rio de Janeiro.

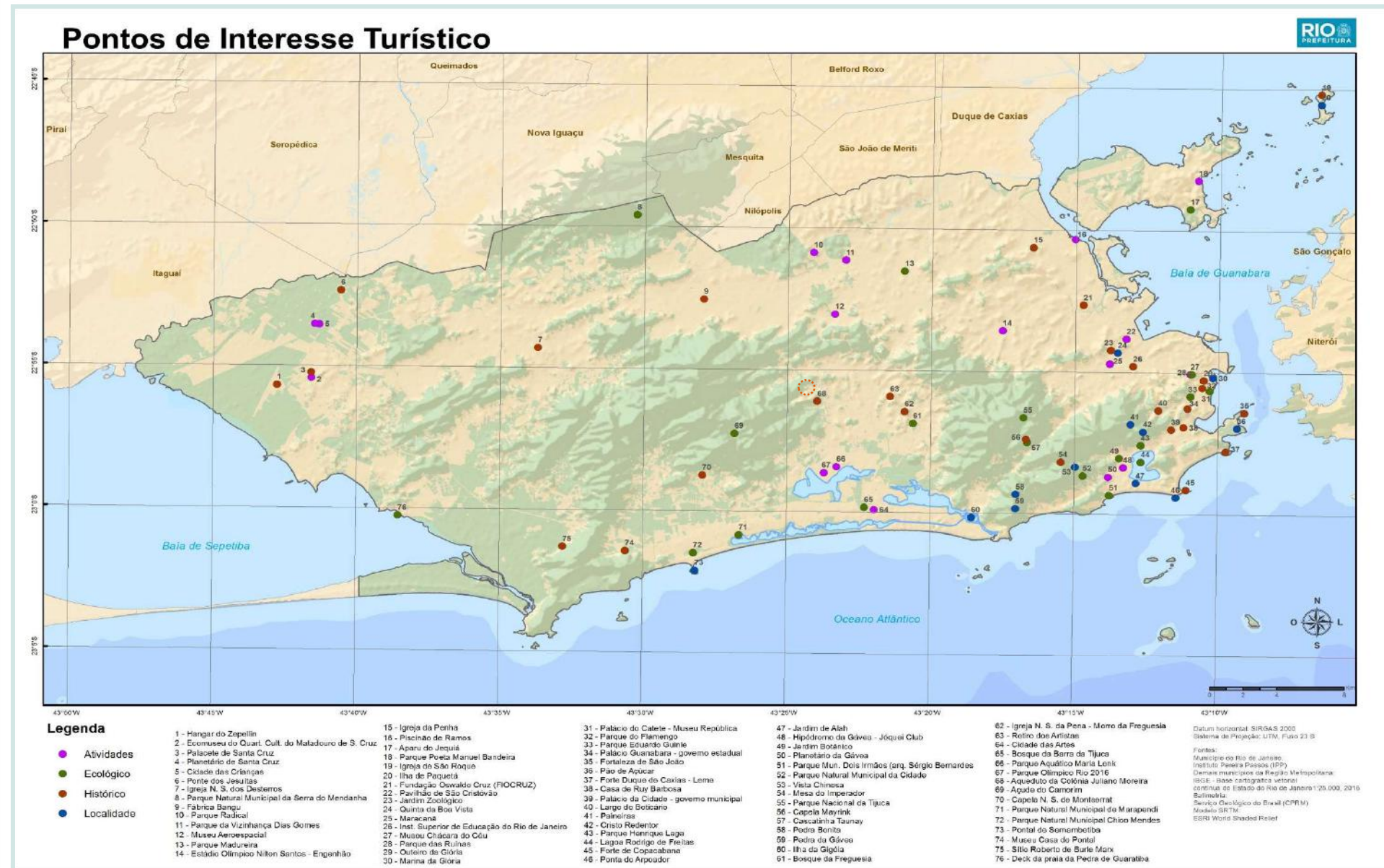


Figura 35: Mapa de Pontos de interesse turístico no Rio de Janeiro. (Fonte: Atlas Escolar do Rio <<https://pcrj.maps.arcgis.com>>)

 Local de intervenção

Em seu livro “*O olha que observa: Dez versões da mesma cena*” (2002), MEINIG aponta diversos tipos de paisagens, e dentre uma delas, destaca-se a *Paisagem como Artefato*, que consiste num tipo de paisagem onde a mão do homem se destaca, fazendo da mesma um artigo manufaturado, onde a natureza é apenas um suporte para a sua obra. Tal visão caracteriza em boa parte o que é encontrado no Parque Nacional da Tijuca, em contraposição ao tipo de visão paisagística que predomina no consciente da população carioca sobre o Parque Estadual da Pedra Branca, que o vê quase como um território inexplorável, ou até mesmo divino, onde o observador tende a não possuir uma relação direta com o lugar, se retirando de cena dando ao território um certo perfil de mistério. Tal visão foi denominada pelo autor de a *Paisagem como Natureza*.

Outra visão sobre a paisagem do Maciço da Tijuca que predomina o imaginário dos cariocas é o de *Natureza como Habitat*, visão essa que se caracteriza pela integração do homem com a natureza. Essa visão é denunciada não só pelo fluxo de turistas, mas também pela alta frequência de moradores das proximidades e pelo censo de identificação que o Parque gera nos mesmos. Tal visão caracteriza bem os objetivos de projeto do presente trabalho, já que

o Parque Estadual da Pedra Branca apresenta a potencialidade de ser também um marco de identificação na região em que está inserido, na medida em que puder apresentar melhores estruturas de lazer e diversidades de destino, assim como os que o Parque Nacional da Tijuca apresenta, visto que no que diz respeito às características territoriais, ambientais, e históricas, ambos já possuem os mesmos potenciais, porém, no caso do PEPB, muitos destes ainda inexplorados.

3.2.1. Histórico e ambiental

O Maciço da Pedra Branca possui em si muitos destinos ainda desconhecidos pela maior parte dos cariocas. No *Guia de Trilhas* oficial do parque encontramos revelados alguns de seus mistérios. O documento aponta o parque como sendo um rico endereço de diversos sítios históricos que datam da época dos engenhos.

“Podemos citar a Igreja de São Gonçalo do Amarante, construída em 1625; a Capela de N.Sra. do Montserrat, construída em 1732, e a Capela de N.Sra. da Conceição e São Boaventura, construída por Antônio de Sampaio, dono do Engenho do Rio Grande. Também merece ser /conhecido o sistema de captação de água projetado por Sampaio Corrêa em 1908 e que abastece alguns bairros vizinhos até hoje. Algumas trilhas e travessias contam com ruínas de antigos engenhos, casas de fazenda e carvoarias.... Destaca-se, ainda, o turismo rural com visitas às propriedades com culturas de orgânicos e meliponicultura, remanescentes de um Rio de Janeiro agrícola cuja história se confunde com a história desta unidade de conservação. ”

(Fonte: Guia de Trilhas --INEA. Acessível em <<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zew/mdi2/~edisp/inea0026328.pdf>>)

Além dos sítios históricos o parque, que abrange uma área de 12.393,84 hectares, também protege uma grande floresta urbana que, juntamente aos seus corpos hídricos contribuem para amenizar o clima da região. No interior de sua floresta encontram-se diversas

espécies de fauna e flora, algumas ameaçadas de extinção.

“Criado em 28 de junho de 1974 pela Lei Estadual nº 2.377, tem por objetivo preservar rica biodiversidade e os ecossistemas naturais nele contidos, bem como mananciais que abastecem parte da população da cidade. Atualmente, o parque faz parte do Mosaico Carioca de Unidades de Conservação, instituído pelo Ministério do Meio Ambiente, e também está inserido na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, reconhecida pela UNESCO. ”

(Fonte: Guia de Trilhas --INEA. Acessível em <<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zew/mdi2/~edisp/inea0026328.pdf>>)

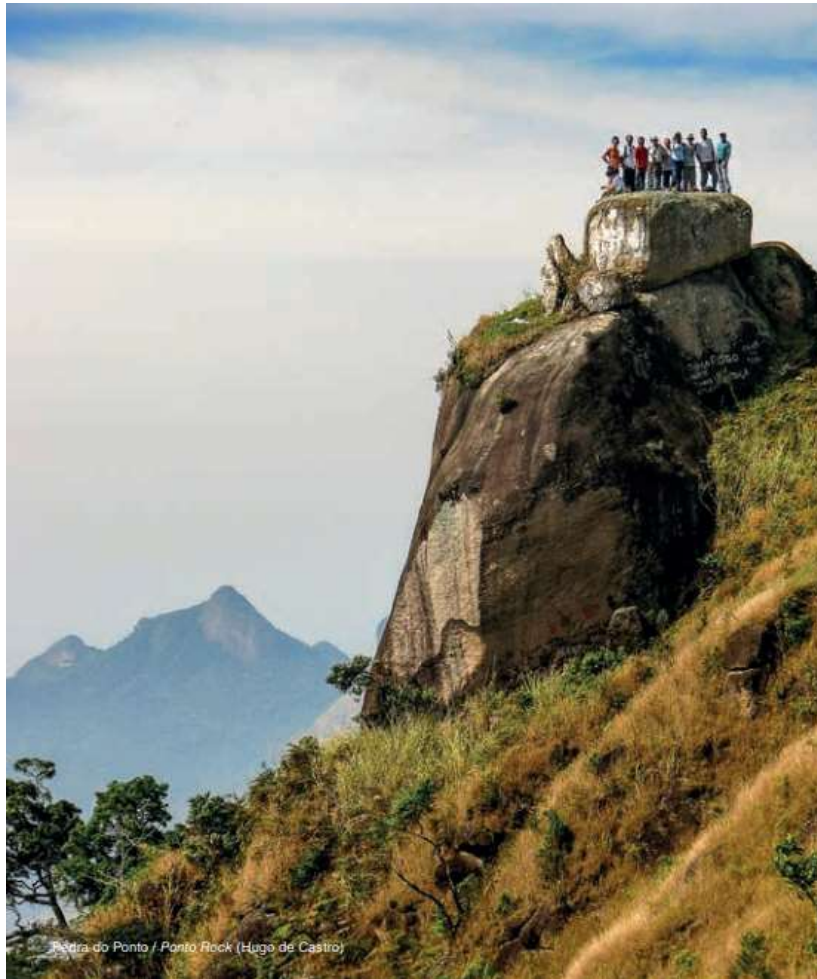


Figura 36: Pedra do Ponto (Fonte: Guia de Trilhas --INEA.
Acessível em
<<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/docume>

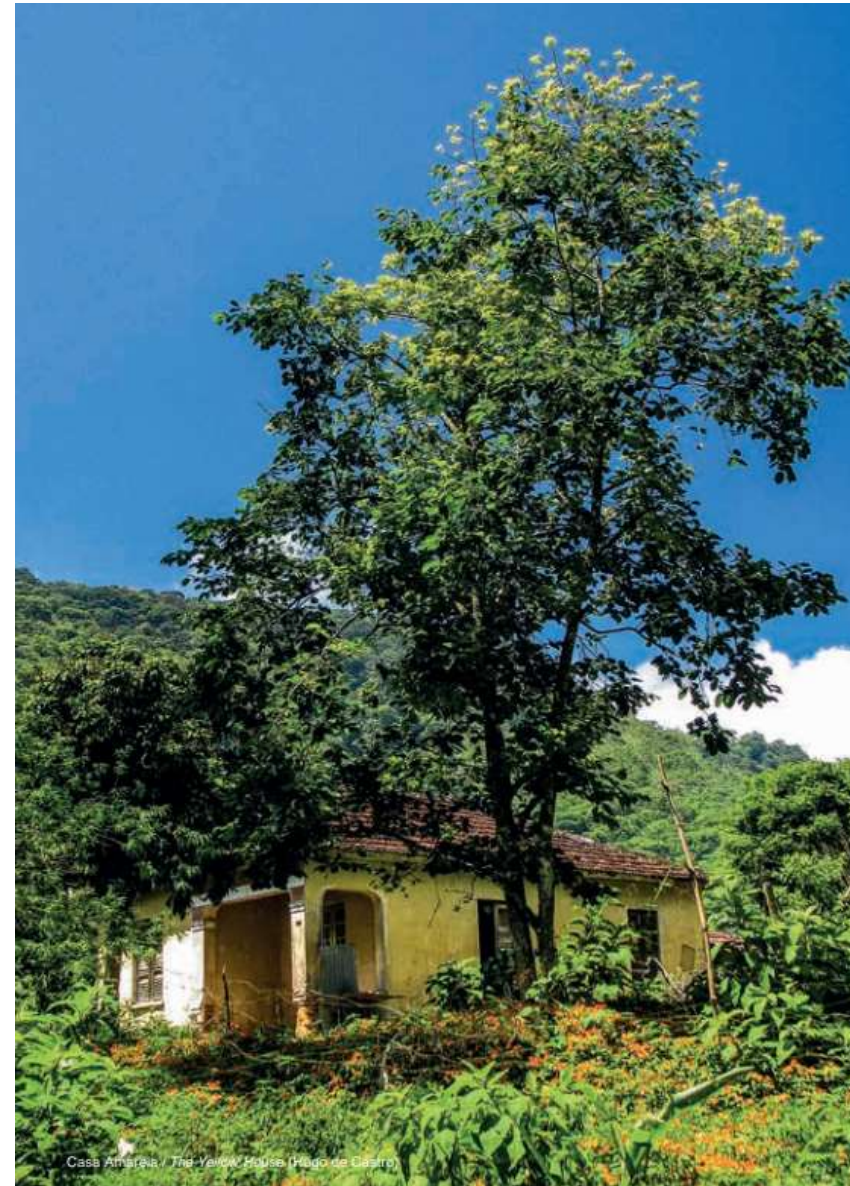


Figura 37: Casa Amarela da época dos engenhos (Fonte: Guia de Trilhas --INEA.
Acessível em
<<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mdi2/~edi>

3.2.2. Núcleos do Parque

Segundo o *Guia de Trilhas do Parque Estadual da Pedra Branca*, de 2013, foram investidos durante a gestão vigente da Secretaria de Estado do Ambiente (SEA) na produção da cartilha em torno de 10 milhões de reais em regularização fundiária, sedes, centros de visitantes, alojamentos de guarda-parques e pesquisadores, Unidades de Polícia Ambiental (UPAm), guaritas, trilhas, mirantes, aquisição de veículos e equipamentos etc., para os parques estaduais do Rio de Janeiro, porém, esse investimento não se viu muito no Parque Estadual da Pedra Branca, já que o mesmo continua com poucos núcleos de visitação, e uma estrutura bastante à quem do ideal para receberem a população dos 17 bairros bastante populosos que o rodeiam.

O PEPB possui cinco núcleos:

- Pau da Fome (em Jacarepaguá): sede do parque com estrutura para receber visitação e ponto de saída para as trilhas e cachoeiras.
- Camorim (em Jacarepaguá): que possui sistema de captação e tratamento de água e saídas para trilha.
- Piraquara (Realengo): com estrutura de lazer dotada de locais para banho para

atividades físicas e parquinho para as crianças.

- Rio da Prata (Guaratiba): a área conta com infraestrutura muito precária, composta apenas por um posto avançado de fiscalização.
- Vargem Grande: infraestrutura também muito precária, composta apenas por uma guarita de vigilância.

Dentre diversas atividades que ocorrem no parque, o gráfico da figura 38 mostra as principais frequentes em cada núcleo.

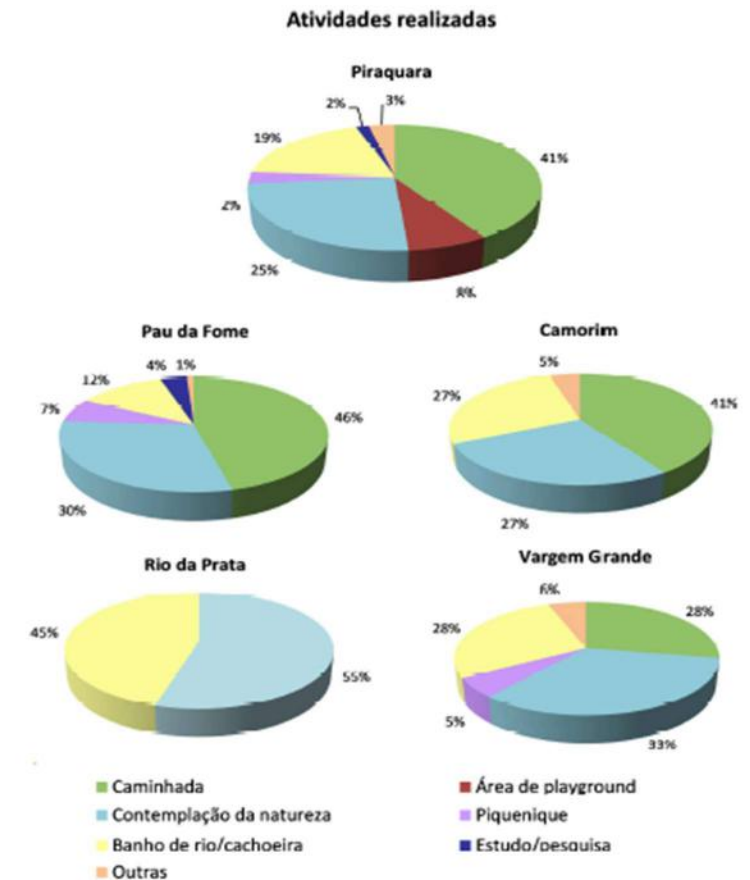


Figura 38: Principais atividades realizadas pelos visitantes nos núcleos do PEPB Casa Amarela da época dos engenhos (Fonte: Guia de Trilhas --INEA. Acessível em <http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mdi2/~edisp/inea_0026328.pdf>)



Figura 39: Núcleo Pau da Fome (Fonte: Guia de Trilhas --INEA. Acessível em <<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zweu/mdi2/~edisp/inea0026328.pdf>>)



Figura 40: Núcleo Pau da Fome (Fonte: Guia de Trilhas --INEA. Acessível em <<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zweu/mdi2/~edisp/inea0026328.pdf>>)



Figura 41: Núcleo Piraquara- parque e anfiteatro (Fonte: Guia de Trilhas --INEA. Acessível em <<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zweu/mdi2/~edisp/inea0026328.pdf>>)

3.3. Escala dos parques no Rio de Janeiro

- 1-Parque de Madureira
- 2-Parque Estadual do Grajaú
- 3-Parque Natural Municipal Penhasco Dois Irmãos
- 4-Bosque da Freguesia
- 5-Parque Lage
- 6-Quinta da Boa Vista
- 7-Parque Municipal da Catacumba
- 8-Parque Nacional da Tijuca
- 9-Parque Natural do Marapendi
- 10-Jardim Botânico do Rio de Janeiro
- 11- Parque Estadual da Pedra Branca
- 12-Bosque da Barra
- 13-Parque do Flamengo



Figura 42: Mapa. A escala dos Parques mais relevantes do Rio de Janeiro.

Na figura anterior pudemos observar diferentes escalas de Parques relevantes para a cidade do Rio e também sua região metropolitana, sendo eles tanto parques de escala local, quanto os grandes maciços da Pedra Branca e da Tijuca. Sendo os mais próximos à área de intervenção os dois na região administrativa de Jacarepaguá (números 4 e 11), e os dois na região administrativa da Barra da Tijuca (números 9 e 12).

Dentre os parques do Rio, destacamos o Parque Lage, ao qual o presente projeto do Parque na Ligação assemelha-se, já que visa propor uma associação ao Parque Estadual da Pedra Branca, assim como o ocorrido entre o Parque Lage e o Parque Nacional da Tijuca, que:

“Em 8 de fevereiro de 1967, por meio do Decreto Federal nº 60.183. Em 4 de julho de 2004, um Decreto Federal s/n ampliou os limites do Parque em 39,51 km², incorporando locais como o Parque Lage”

(Fonte: Site oficial Parque nacional da Tijuca. Acessível em < <https://www.icmbio.gov.br>>)

Observamos então que existem duas escalas distintas a serem trabalhadas no presente projeto, são estas:

- **A escala do bairro:** Moradores da região que utilizariam o parque para atividades de lazer do dia-a-dia, como atividades físicas, passeios, e atividades de lazer em geral.
- **A escala metropolitana:** Onde cidadãos de toda região metropolitana do Rio que possuam interesses específicos em atividades ofertadas no parque objeto do presente trabalho, mas que principalmente, as que podem ser encontradas no Parque Estadual da Pedra Branca através do suporte fornecido pela estrutura do Parque da Ligação, como por exemplo, a visitação aos sítios históricos, trilhas, eventos esportivos diversos, e esportes radicais.

Dessa forma o Parque na Ligação, objeto deste trabalho, se assume como possuindo uma relação simbiótica com o PEPB assim como o Parque Lage com o PNT, onde suas áreas territoriais limitadas características de parques locais somam-se, no imaginário da população, à grande área territorial de seus hospedeiros. Tal afirmativa embasa-se no conceito teórico de MEINIG (2002), que diz que *“A paisagem apenas obtém significado a partir de*

associações” e também que *“qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”*. Dessa forma, a área imaginária do nosso local de intervenção diferencia-se de sua área territorial real, já que a imagem do mesmo sempre estaria associada ao PEPB. Portanto a linha dura que separa a área de intervenção de seu contexto não seria suficiente para separar o Parque da Ligação de sua ligação com o maior e mais alto maciço carioca.

4. Para quem?

4.1. Pesquisa de potenciais usuários desenvolvida

No decorrer do desenvolvimento do presente trabalho, notou-se a necessidade de um levantamento mais interativo com prováveis usuários do Parque da Ligação, para que assim fosse estabelecido um perfil de público alvo.

Ferramenta: Formulário online (Google Forms).

Objetivos da pesquisa: Levantar demandas, percepções, e necessidades dos respondentes, além de quantitativos palpáveis que dessem base e justificativa para encaminhar o projeto e tomar determinadas decisões projetuais.

Período: A pesquisa foi realizada no mês de setembro de 2020, e foi pedido para que os respondentes desconsiderassem o período de quarentena no qual nos encontramos. A mesma permanecerá em desenvolvimento e análise até não ser mais relevante para o presente trabalho.

Contagem de Região Administrativa

● Outras Regiões Administrativas e Região Metropolitana do Rio
● Jacarepaguá

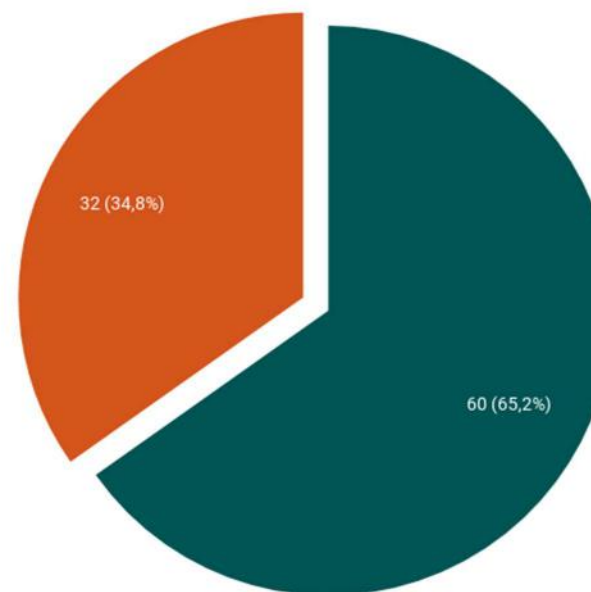


Figura 43: Gráfico da pesquisa.

Meio de divulgação: Meios de comunicação por mensagem direta e mensagem de grupos, via internet (Whatsapp).

Recorte populacional: Deve-se também ser levado em conta o recorte social no qual a pesquisa foi divulgada, já que a maior parte dos respondentes foram integrantes dos grupos de comunicação online com os quais a autora deste trabalho tem relação, sendo assim, não

existe grande variação de, por exemplo, classes sociais, ou faixa etária.

Amostragem: Os dados resultantes da pesquisa que serão apresentados foram obtidos por um número que varia de 92 a 102 respondentes da pesquisa.

A pesquisa considerou dois grupos de respondentes: o grupo de moradores da Região Administrativa de Jacarepaguá, e também, moradores de toda a região metropolitana do Rio de Janeiro.

4.1.1. Resultado geral – Perfil

Contagem de Gênero

Geral

- Feminino
- Masculino

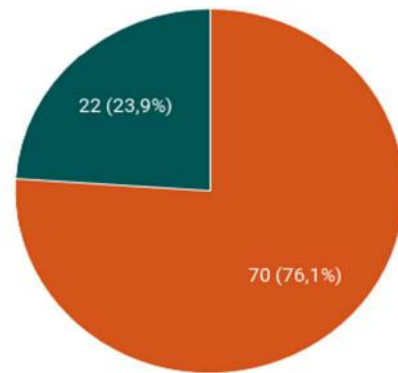


Figura 44: Gráfico da pesquisa.

Nível de Escolaridade

Geral

- Ensino Superior
- Ensino Médio
- Pós Graduação

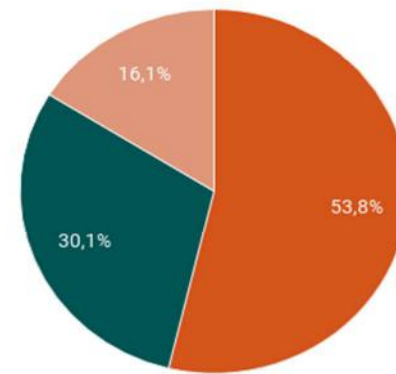


Figura 45: Gráfico da pesquisa.

Contagem de Renda bruta familiar aproximada

Geral

- 2 a 4 salários mínimos
- até 2 salários mínimos
- 4 a 6 salários mínimos
- mais de 6 salários mínimos

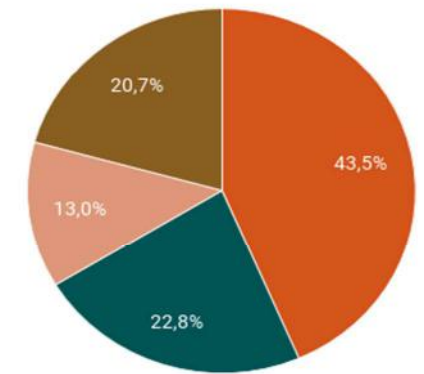


Figura 46: Gráfico da pesquisa.

Contagem de Faixa Etária

Geral

- 20 a 25
- 25 a 30
- 18 a 20
- 30 a 40
- maior de 50
- menor de 18
- 40 a 50

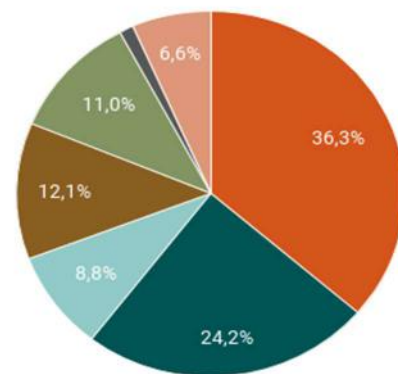


Figura 47: Gráfico da pesquisa.

Mora com quantas pessoas?

Geral

- 6
- 2
- 4
- 3
- 7
- 5
- 1

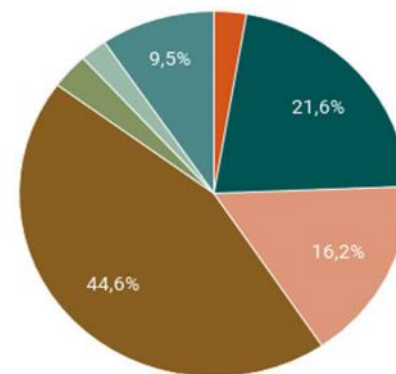


Figura 48: Gráfico da pesquisa.

Neste trabalho, vamos considerar que todo morador da região administrativa do Rio é um possível usuário do Parque da Ligação, sendo os moradores de Jacarepaguá o público alvo para possuir uma relação como frequentadores, e os demais, tendo uma relação com caráter mais turístico, de visitas esporádicas.

Observando os gráficos traçamos um perfil de respondentes da pesquisa (lembrando que o perfil de respondentes não equivale fielmente ao perfil de usuários, porém, está incluso no mesmo), sendo eles em maioria do sexo feminino, com um grau de escolaridade mais alto, entre 20 a 25 anos, de classe média, e pertencentes a núcleos familiares pequenos, com de 3 a 4 pessoas.

Dos respondentes da pesquisa, apenas 13,2% responderam ser pais, e desse número, percebe-se uma parcela bastante relevante de pessoas que afirmam nunca levarem seus filhos para visitar um local de lazer ao ar livre. Tal fato nos leva às seguintes questões: Por que esses pais não levam seus filhos a locais de lazer ao ar livre? Será que os mesmos frequentam algum? Perguntas como estas serão respondidas posteriormente.

Contagem de Tem filho menor de idade?

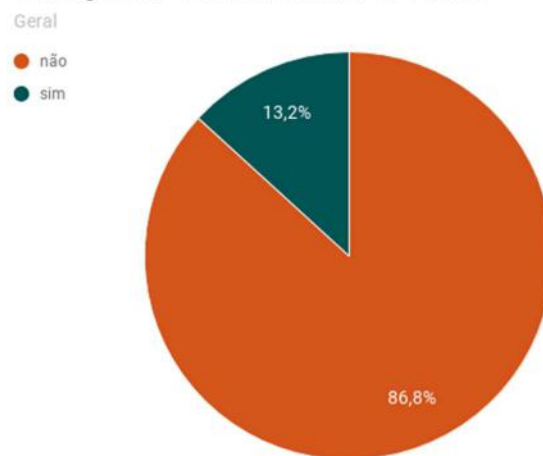


Figura 49: Gráfico da pesquisa.

Costuma levar seus filhos para visitar algum local de lazer ao ar livre? Com qual frequência?

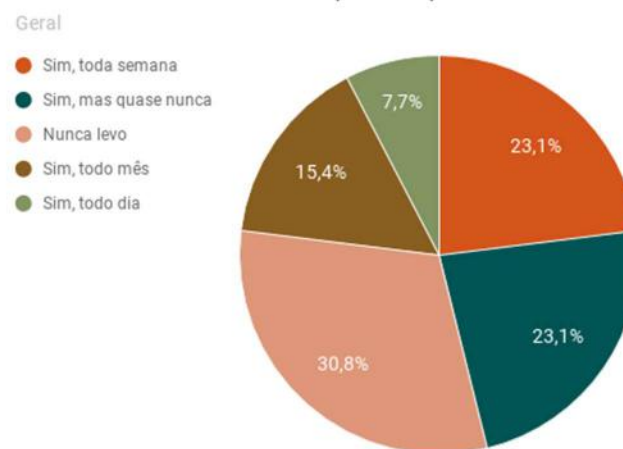


Figura 50: Gráfico da pesquisa.

4.1.2. Moradores de Jacarepaguá

Já visitou ou costuma frequentar algum desses parques?

31 respostas

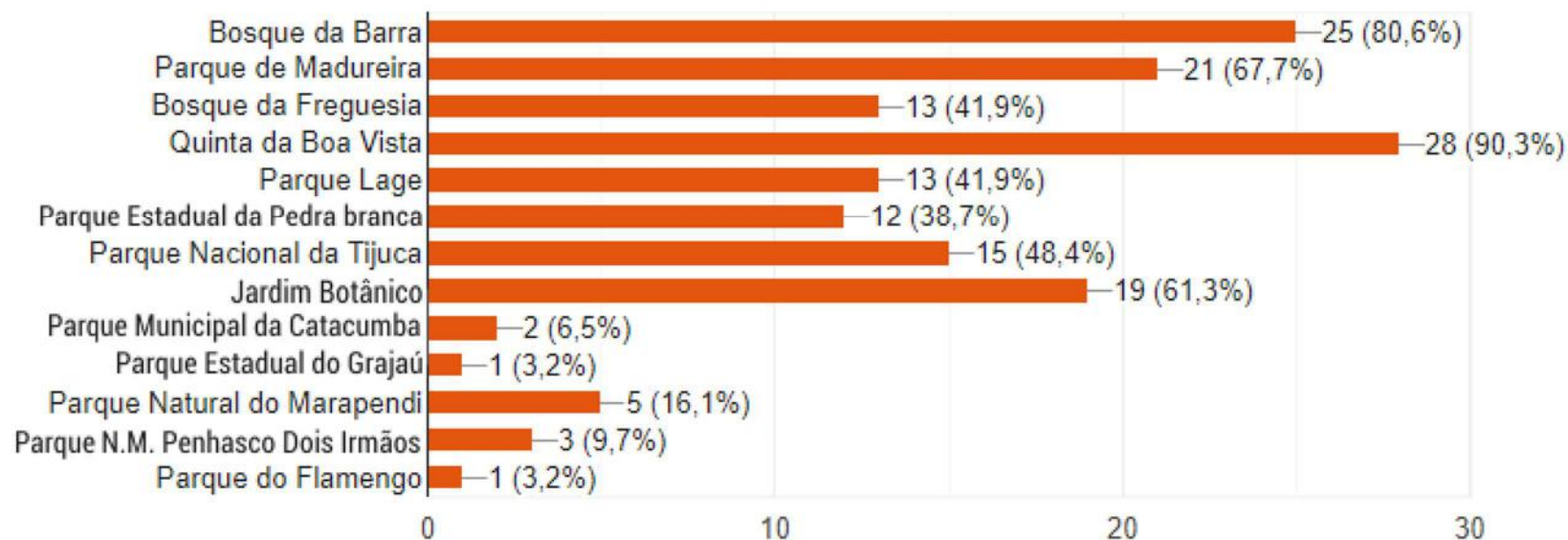


Figura 51: Gráfico da pesquisa.

A pergunta vista na figura 51, apresenta os mesmos parques considerados no mapa de escala dos parques do Rio (fig. 42) apresentados no item 3.3 do presente trabalho, estes são alguns dos parques mais relevantes da cidade. De acordo com as respostas, os moradores de Jacarepaguá visitam mais os parques da Zona

Sul e Norte, do que os localizados na Zona Oeste, já que a Quinta da Boa Vista fica em primeiro lugar, sendo frequentada por 90,3% dos respondentes, enquanto que o segundo lugar da pesquisa mostra que o Bosque da Barra, recebe apenas 80,6% dos mesmos.

O Parque nacional da Tijuca, que compete diretamente com o Parque Estadual da Pedra Branca, também sai na frente, já que 48,4% dos moradores de Jacarepaguá respondentes o frequentam, enquanto 38,7% também visita seu concorrente. Percebemos então que a distância

Em qual deles você foi mais vezes?

Jacarepaguá

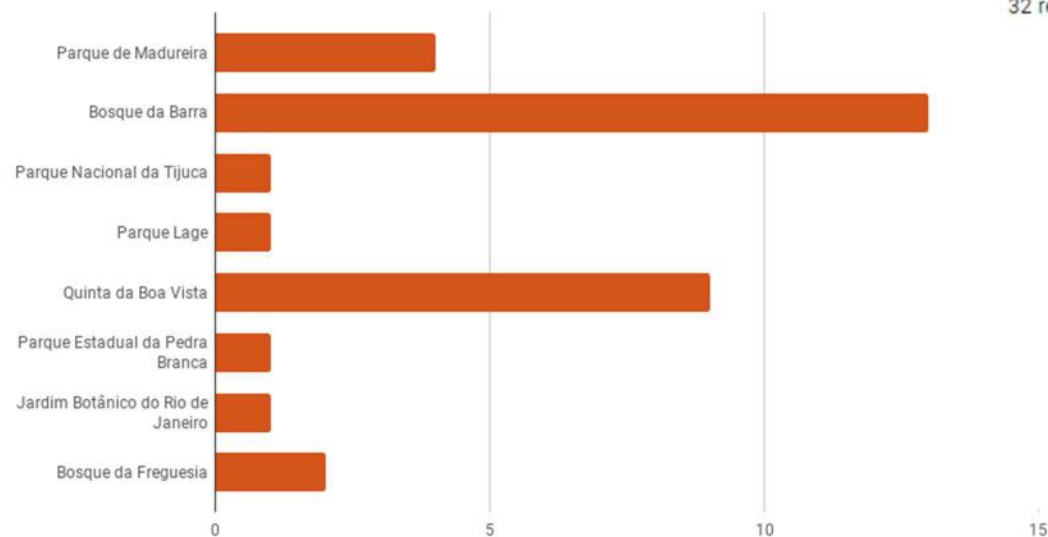


Figura 52: Gráfico da pesquisa.

Sente falta de áreas de lazer no seu bairro? Quais?

32 respostas

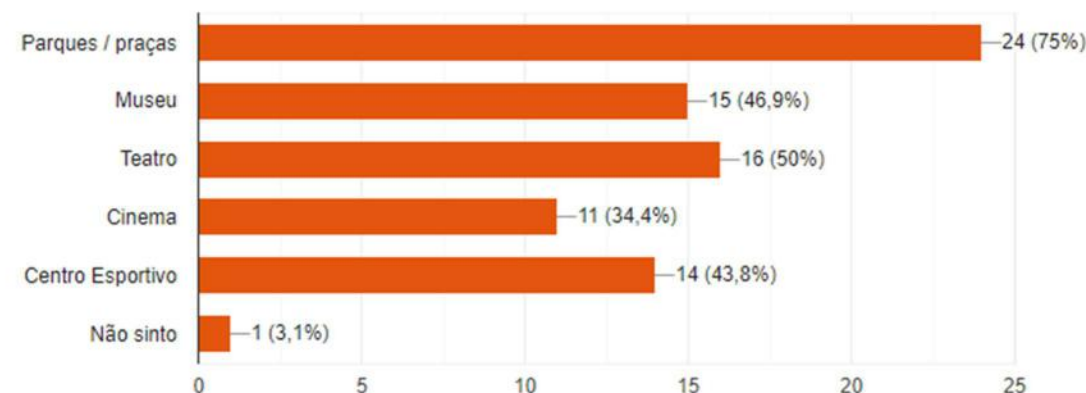


Figura 53: Gráfico da pesquisa.

não é um impeditivo quando se tem um bom destino.

Através desse gráfico também podemos constatar que, mesmo com muitas riquezas turísticas e ambientais e uma grande área territorial, um parque na escala de floresta urbana, como é o caso do PNT e do PEPB, por si só não atraem tanto os usuários a frequentá-los, o que se mostra então como sendo a melhor forma de tirar proveito dessas riquezas, se integrando a esses parques e aproveitando sua

cobertura vegetal e contato com a natureza, a criação de áreas de lazer mais estruturadas e propícias para a recepção de visitantes. Com conforto e atividades diversas, como é o caso dos parques locais de pequena escala como o Parque Lage e o Parque Estadual do Grajaú, que juntos ao Parque Nacional da Tijuca somam 93,5%, mais do que o dobro da frequência do PEPB.

Analisando os gráficos das figuras 52 e 53, podemos pensar que a escassez de áreas de

lazer em Jacarepaguá faz com que os moradores as busquem em outra região administrativa, já que o PEPB e o Bosque da Freguesia (os dois únicos parques de Jacarepaguá) possuem resultados baixíssimos, mas quando o comparamos com as figuras seguintes (54 e 55), onde 59,4% dos moradores de Jacarepaguá afirmam que o que os matêm fora das áreas de lazer é a distância, conseguimos supor que talvez as poucas áreas de lazer não sejam responsáveis por isso, mas sim, as poucas áreas de lazer **de qualidade**.

O que te impede de ir ou ir mais vezes a esses parques?

32 respostas

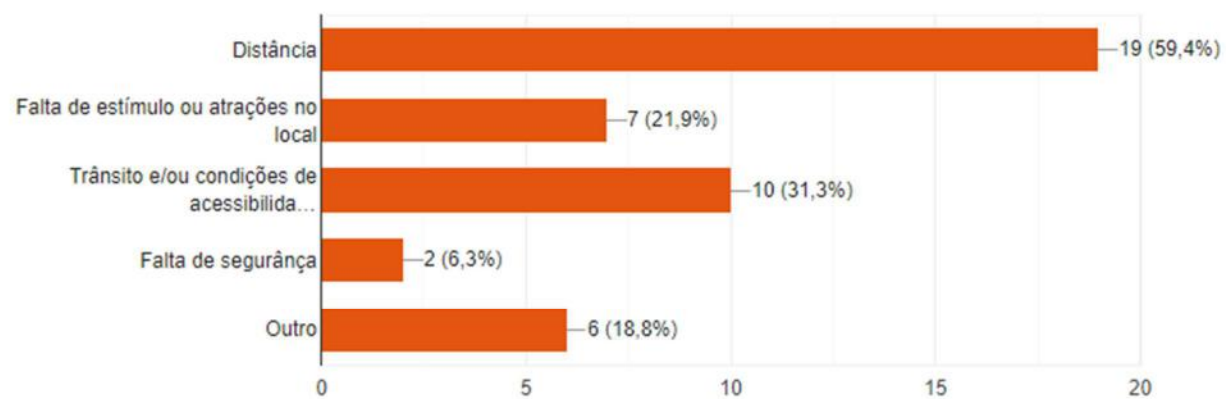


Figura 54: Gráfico da pesquisa.

Caso houvesse um parque próximo a sua casa, com qual frequência você o visitaria?

Jacarepaguá

- Todo mês
- Nunca
- Toda semana
- Todo dia

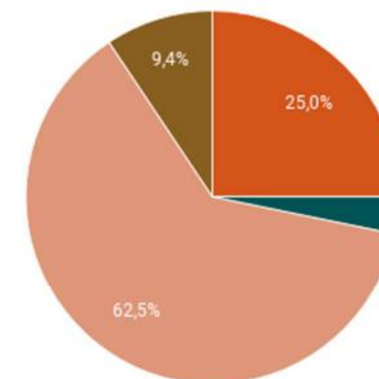


Figura 55: Gráfico da pesquisa.

A falta de áreas de lazer de qualidade também pode afetar muito a saúde dos moradores de uma região. Nas figuras 56 e 57, vemos que boa parte dos respondentes de Jacarepaguá não praticam atividades físicas, mas que possivelmente as praticariam caso tivessem um fácil acesso a uma boa estrutura de lazer local que possibilitasse isso a eles.

Essa escassez de locais de lazer de qualidade que afetam os moradores de Jacarepaguá, além de afetar a saúde integral dos mesmos, também atinge seu tempo livre. Esse carência decorre, aparentemente, de uma falta de planejamento das áreas públicas da cidade, e da falta de interesse dos poderes públicos em promover áreas de lazer e afirmar o poder que as mesmas podem ter de melhorar a qualidade do tempo livre, o tempo fora do trabalho dos cidadãos e conseqüentemente, a melhoria de sua qualidade de vida. Inconscientemente, essa circunstância atinge a sociedade, considerando-se o recorte de respondentes da atual pesquisa, como uma ilusão, assim DUMAZEDIER previu em seu livro “*Sociologia empírica do lazer*” (1974):

Você pratica atividades físicas ou esportivas?

Jacarepaguá

- não
- sim

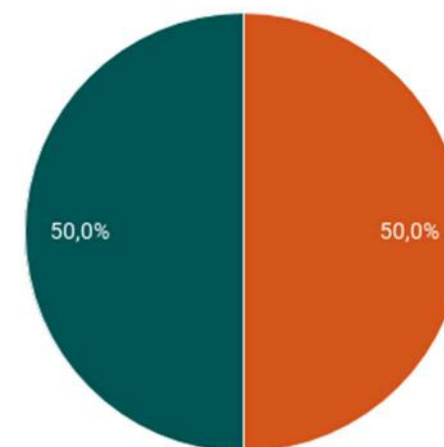


Figura 56: Gráfico da pesquisa.

Contagem de Caso não pratique; praticaria caso houvesse um local que oferecesse tais atividades próximo a sua casa?

Jacarepaguá

- sim
- quem sabe

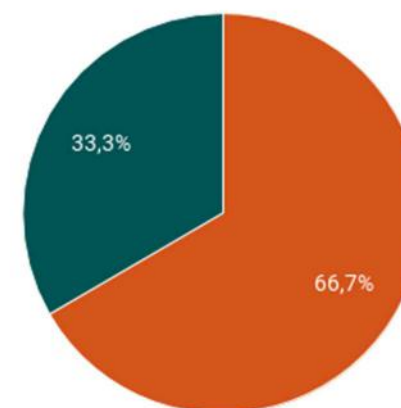


Figura 57: Gráfico da pesquisa.

“Na sociedade em devir, o lazer aparece como uma realidade multipresente ou uma ilusão ideologizada”

Tal afirmativa feita pelo autor parece muito precisa quando analisamos determinadas respostas vistas na pesquisa, que demonstram uma certa acomodação em se ver privado de usufruir de espaços de lazer, o que deveria ser direito de qualquer cidadão, independentemente de sua classe social, ou de morar na zona sul, ou na zona norte da cidade. Esse sentimento é inevitável já que de fato, ser morador da zona oeste, vivendo numa região com um alto índice populacional e mesmo assim com poucas ofertas de destinos de lazer pode gerar nesse morador o imaginário de que o lazer de qualidade tem um preço que ele não pode pagar, sendo então o seu local de moradia um empecilho para que o mesmo veja o seu tempo livre como um período que integra a sua rotina, e que não deve ser desperdiçado. Um tempo livre de qualidade pode contribuir muito para a saúde integral de um indivíduo, para seu desenvolvimento no trabalho, e até mesmo para a melhoria das suas relações sociais e vida em comunidade. O tempo de lazer deve ser valorizado e vivido amplamente.

“O lazer não é a ociosidade, não suprime o trabalho; o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano, ou da vida de trabalho”.
(DUMAZEDIER, Joffre. 1974)

Quanto tempo livre você costuma gastar semanalmente em locais de lazer (praças, parques, shoppings, etc),

Geral

- Pelo menos uma manhã, tarde ou noite por semana
- Algumas horas, de duas a três vezes na semana
- Não gasto nenhum
- Algumas horas por dia, todos os dias
- O final de semana inteiro

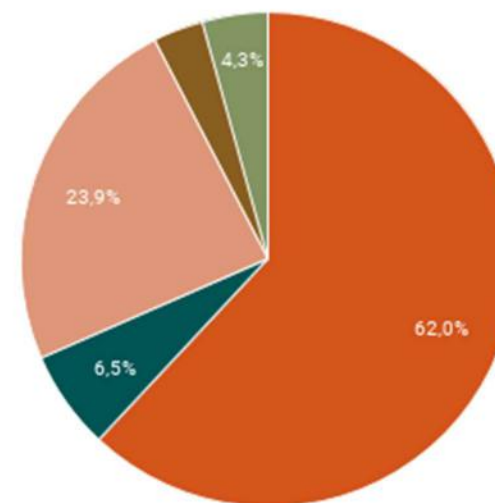


Figura 58: Gráfico da pesquisa.

4.1.3. Moradores da Região Metropolitana do Rio de Janeiro

As respostas dadas também pelos moradores de outras regiões administrativas da região metropolitana do Rio de Janeiro, mostram que os mesmos também frequentam mais os parques da zona sul e norte, mas sem deixar de frequentar também parques em outras zonas como o Bosque da Barra e o Parque de Madureira, o que mostra que uma boa parte deles não se importa com a distância quando o destino lhe proporciona bons atrativos e um lazer de qualidade.

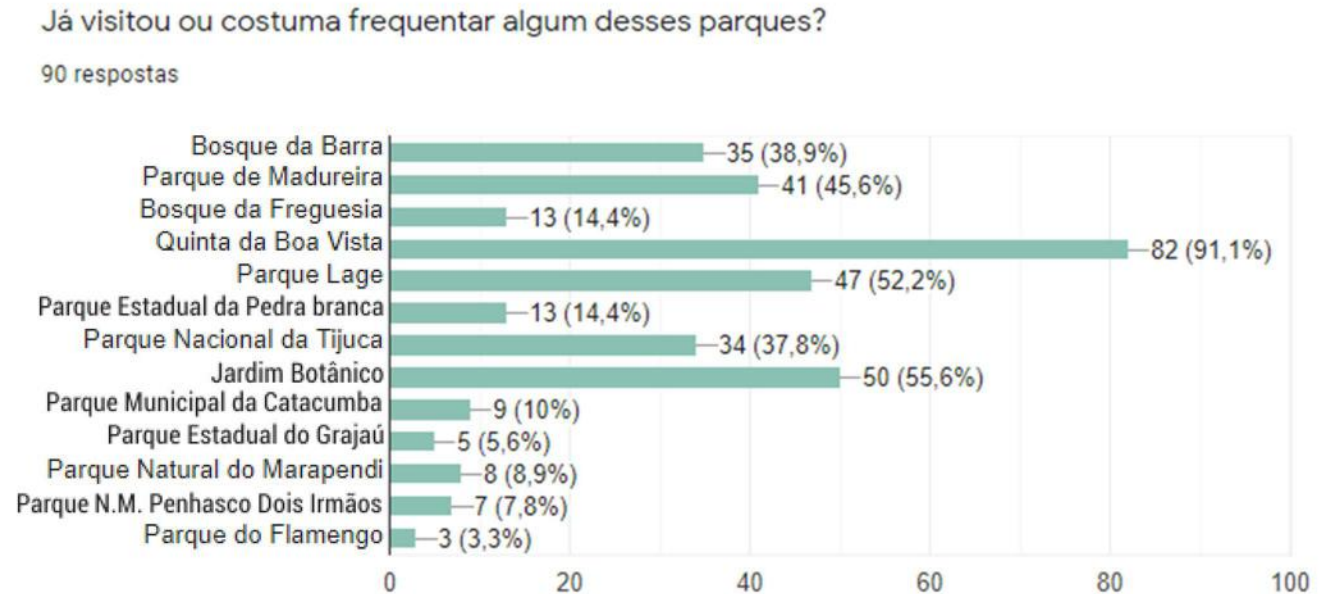


Figura 59: Gráfico da pesquisa.

4.1.4. Conclusão da pesquisa

Ao fim das primeiras análises de respostas obtidas através da pesquisa e também das respostas dadas nas duas últimas perguntas da mesma, podemos perceber que de fato, moradores de toda região metropolitana do Rio de Janeiro compreendem o quanto sua qualidade de vida pode ser afetada pelas propriedades urbanísticas e ambientais do território onde estão inseridos, mesmo no que diz respeito a algo tão subestimado e facilmente desperdiçado como o seu tempo livre.

“A paisagem é um espelho importante que pode nos dizer muito sobre os valores que nós temos e, ao mesmo tempo, afetar a qualidade das vidas que levamos.” (MEINIG, Donald. 2002)

O quanto a qualidade do seu tempo livre aumentaria ou aumenta tendo mais áreas de lazer próximas a sua casa?

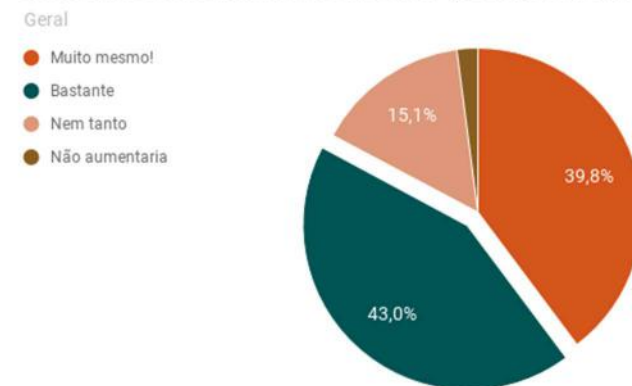


Figura 60: Gráfico da pesquisa.

O quanto você acha que a sua saúde melhoraria ou melhora tendo mais áreas de lazer próximas a sua casa?

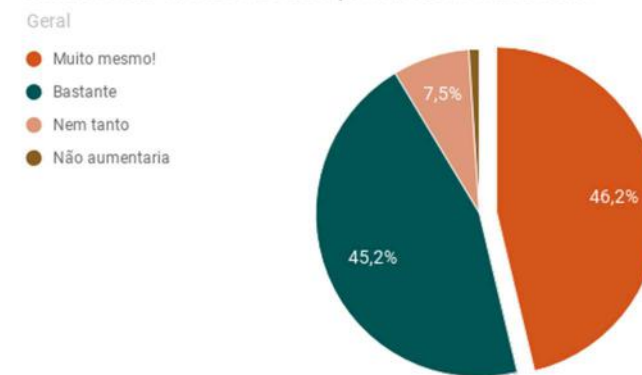
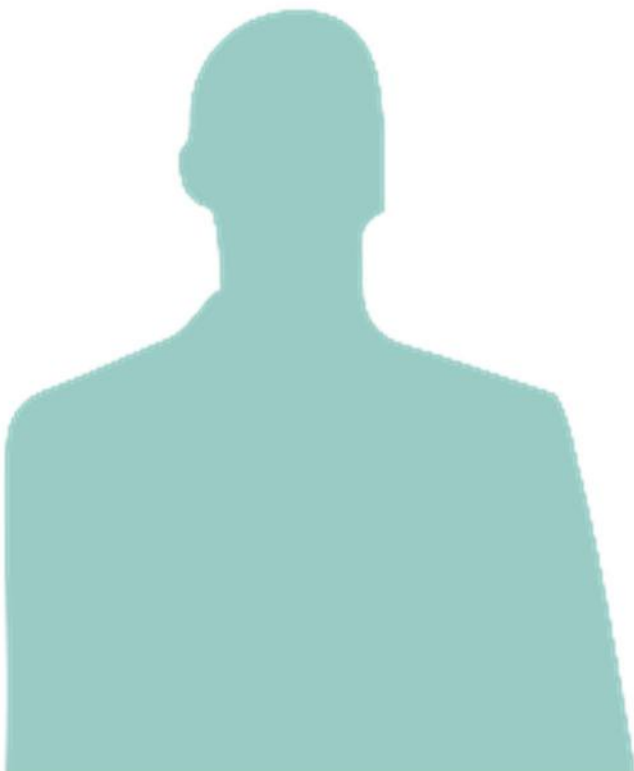


Figura 61: Gráfico da pesquisa.

4.2. Entrevistas com moradores



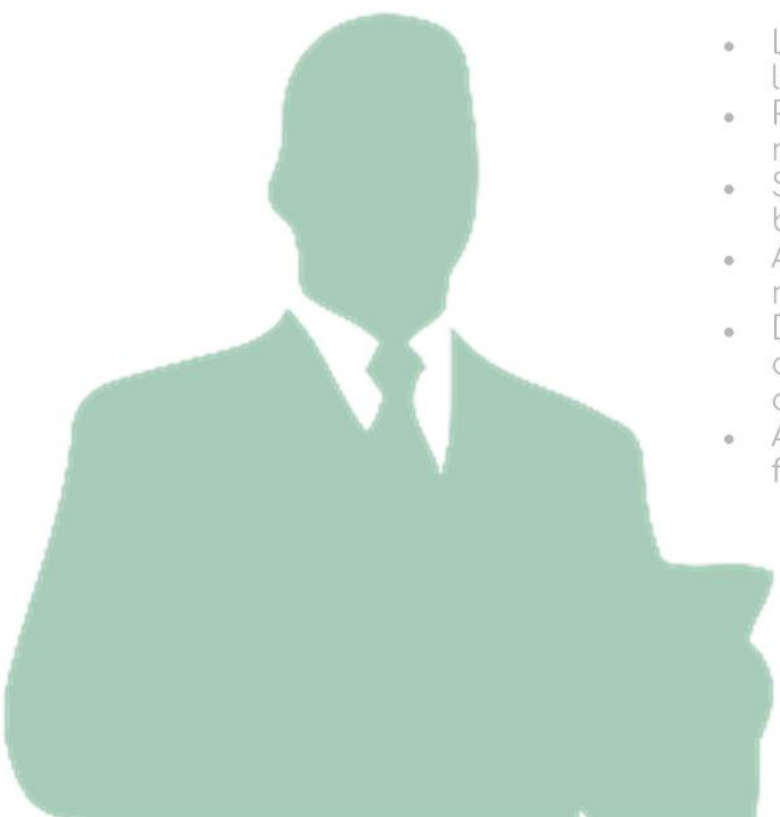
Manoel C.

33, morador da Ligação a aproximadamente 10 anos.

- Leva até o lago em torno de 10 min a pé.
- Também relatou ter conhecimento de mortes no local
- Sua relação com o lago era de banhista
- Atualmente não tem mais nenhuma relação com o mesmo
- Também afirmou que voltaria a frequentá-lo caso houvesse ali uma estrutura de lazer

“

Sobre o aterramento no lago, para mim só diminuiu a presença de pessoas que frequentava ele como um lugar turístico. Vejo o lago como um lugar de fonte de vida para os animais da localidade”



Gabriel Z.

32, morador da proximidade.

- Leva de 5 a 10 min de carro até o lago
- Relatou ter conhecimento de mortes no local
- Sua relação com o lago era de banhista
- Atualmente não tem mais nenhuma relação com o mesmo
- Disse que voltaria a frequentá-lo caso houvesse ali uma estrutura de lazer
- Apontou como um problema a falta de segurança no local

“

Não concordo com o aterramento (porém não sei os motivos técnicos que levaram a isso). Creio que seria melhor investir na segurança do local, fazendo dele um ponto turístico”

As entrevistas com moradores da Ligação e proximidades nos mostra uma mudança na forma como os mesmos e muitos outros se relacionam com o lago. Nos últimos 5 anos o lago passou de um ponto bastante movimentado na região, mesmo com todos os seus problemas de segurança, para um lugar abandonado pelos banhistas, e agora seus únicos visitantes são pescadores da região.

“O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), instituído por lei federal em 2000, estabelece que parques são unidades de conservação ao mesmo tempo voltadas para a preservação ambiental e para a recreação e o ecoturismo, precisamente para que as pessoas possam desfrutar, de forma ordenada, as belezas naturais neles encerradas, desenvolvendo a consciência ambiental de forma lúdica, prazerosa e, portanto, mais eficiente do que em sala de aula. Nossa meta é quadruplicar até o final de 2014 a visitação no conjunto dos parques estaduais fluminenses, gerando empregos, renda e oportunidades de pequenos e médios negócios nas regiões onde se inserem.

Enquanto no Brasil estas unidades de conservação dão pouco ou nenhum retorno para as populações ao seu redor, em países como Estados Unidos e África do Sul os parques são destinos turísticos consolidados,

que movimentam bilhões de dólares a cada ano, parte dos quais é aplicada em sua proteção e manutenção. Temos, assim, mais preservação, em vez de menos, já que os empregos e negócios de muitas pessoas dependem de parques bem cuidados, e mais e mais segmentos da população passam a valorizá-los através da experiência direta. Sua maior garantia é, portanto, o bom uso, e não o não uso, que afasta apenas as pessoas de bem, deixando vastas extensões de preciosa floresta atlântica à mercê de caçadores, palmiteiros e outros criminosos ambientais.”

(Carlos Minc - Secretário de Estado do Ambiente, 2013. Guia de Trilhas do PEPB)

O comentário acima foi uma contribuição do então Secretário do Estado do Ambiente ao Guia de Trilhas do parque elaborado em 2013, e é bastante preciso, porém, após 7 anos, para os moradores de Jacarepaguá e ex-frequentedores do Lago da Ligação, todo o investimento ocorrido nos anos de 2012 a 2016 em vias expressas e nos parques estaduais do Rio de Janeiro não proporcionaram esse incentivo à preservação, ao turismo e à recreação, nem foram suficientes para impedir o esvaziamento de áreas de grande potencial, como o lago na Ligação, que apesar de não pertencer ao Parque

Estadual da Pedra Branca poderia ter sido beneficiado.

Aterrar um lago, espantando os visitantes ao invés de aproveitar seu potencial é algo que todos os que conhecem a região concordam ser um desperdício.

5. Objetivos do projeto

5.1. Objetivos gerais

- Criação de uma estrutura de lazer para a Região administrativa de Jacarepaguá, e conseqüentemente algo que atraia a população de toda Região Metropolitana do Rio, fomentando assim o turismo da área, e reforçando a identidade da Zona Oeste do Rio.
- Promover a preservação de corpos d'água de todo tipo, bem como fauna e flora presentes nos mesmos, incentivando assim a preservação ambiental na região.
- Melhoria da qualidade do tempo livre e também da saúde integral dos moradores do entorno e proximidades, proporcionando também segurança na utilização do lago para os mesmos.

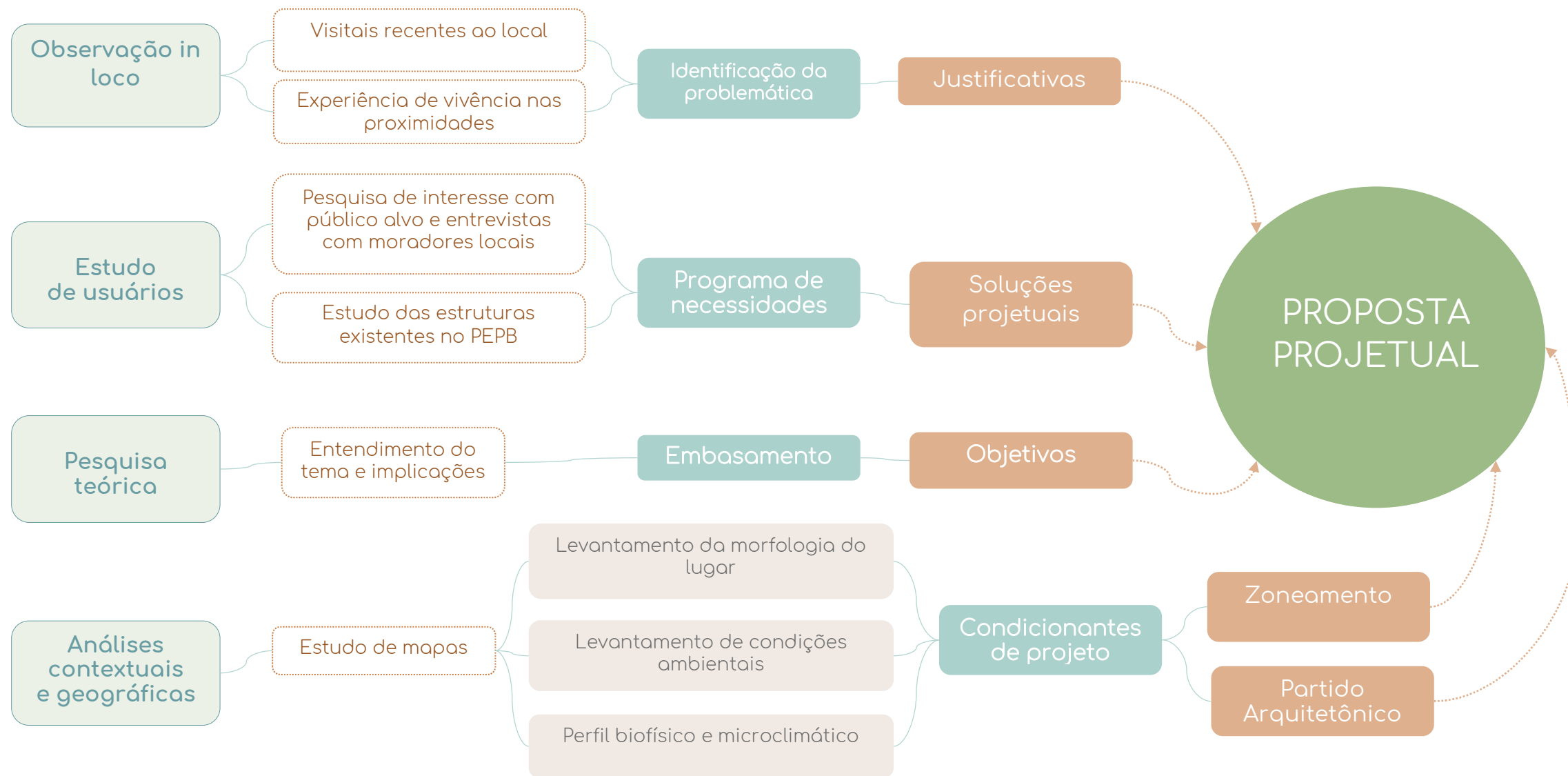


5.2. Objetivos específicos

- Projetar um parque que ofereça oportunidades para os frequentadores, além de diversos tipos de atividades de lazer, esportivas, sociais e culturais próprios para um parque numa escala pequena.
Ex: área de piqueniques, píer de pesca, espaço para feiras e festividades tradicionais, treinos esportivos e aulas comunitárias.
- Dar apoio para atividades que já ocorrem no Parque Estadual da Pedra Branca.
Ex: Ponto de encontro para trilhas e grupos de motocross.
- Estimular atividades específicas para parques de escala maior, mas que ainda não acontecem no PEPB devido à ausência de uma estrutura que atenda às especificidades.
Ex: Área de camping, aluguel de equipamentos de esportes radicais, e estrutura para visitação ao sítio histórico.



6. Metodologia



7. Aplicabilidade da metodologia

A pesquisa de interesse com público alvo, entrevista com moradores, e estudo das estruturas existentes no Parque Estadual da Pedra Branca levantaram diversas sugestões de atividades e finalidades interessantes para o presente trabalho, desde atividades esportivas a sociais, e foram essenciais para o desenvolvimento do programa, dentre esse material levando, as imagens a seguir se destacam:

Contagem de Quais atividades você pratica, ou praticaria num parque próximo a sua casa?

Geral

- Caminhada
- Trilha
- Piquenique
- Camping
- Escalada
- Banho
- Visitação
- Outro

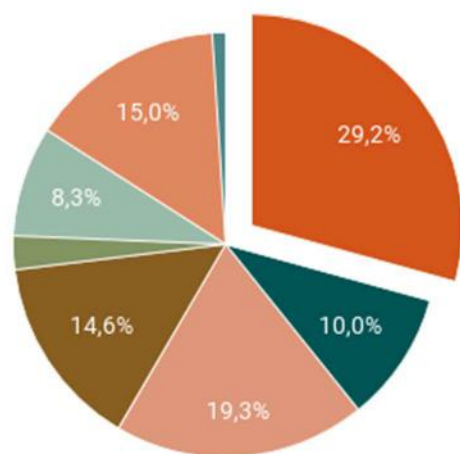


Figura 00: Gráfico resposta da pesquisa desenvolvida pela autora.

Atividades realizadas

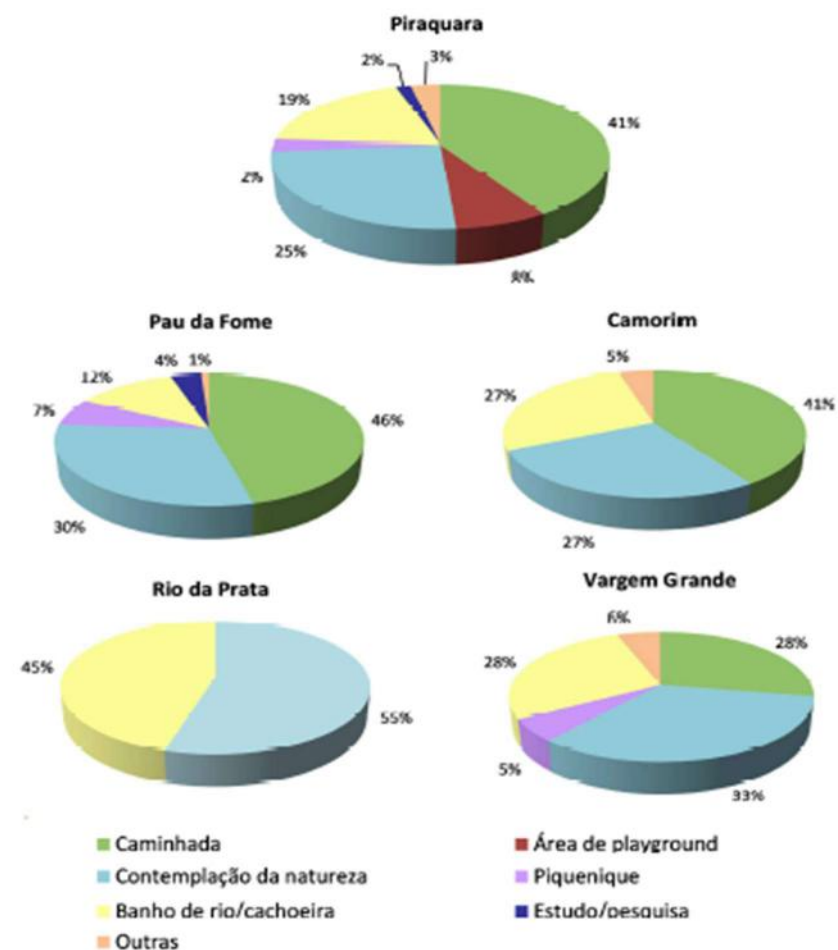


Figura 38: Principais atividades realizadas pelos visitantes nos núcleos do PEPB Casa Amarela da época dos engenhos (Fonte: Guia de Trilhas –INEA. Acessível em <<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mdi2/~edisp/inea0026328.pdf>>)

Outro exemplo das diversas aplicabilidades da metodologia ocorridas é a disposição das funções no terreno e a implantação da edificação central, que se deram através do entendimento de aspectos biofísicos do lugar, como sua relação com luz e sombras, estabelecendo assim as funções mais ativas, como esportes e brincadeiras, nas áreas mais amplas e ensolaradas, funções mais introspectivas, como passeio no bosque, na área dotada de árvores preexistentes (de forma a não interferir tanto na vegetação nativa), e utilizando a topografia para também criar atividades que interagem com a mesma, como a tirolesa, mirantes, e o circuito que percorre todo o perímetro do parque, hora tocando o solo, hora sobrevoando os corpos d'água, e copas das árvores.

Da mesma forma, o partido arquitetônico foi definido utilizando-se da topografia, que permitirá que o visitante que chega pelo acesso no nível mais alto caminhe desde a entrada do parque até o topo do edifício. A morfologia do edifício também é resultado da análise de iluminação no local, já que se buscará propor uma edificação em lâmina, de modo que sua fachada leste receba a maior incidência de sol possível, compensando suas fachadas norte e oeste, que não são igualmente privilegiadas.

O estudo do sistema viário do contexto também foi útil na definição dos acessos, já que um deles, o voltado para a rua Dr. Odim Góis, é servido por transporte coletivo, e já a segunda entrada é voltada para uma via secundária e residencial de menor movimentação. Foram então estabelecidos eixos para percursos, e localizadas as espécies de vegetação de forma a hierarquizá-los de acordo com o fluxo esperado de pedestres que utilizarão tais caminhos.





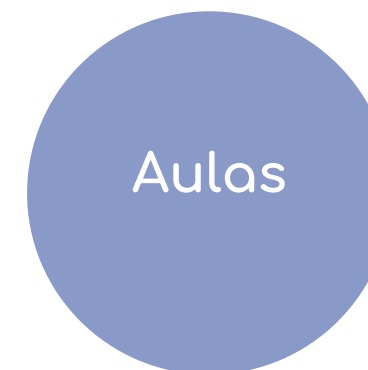
Em verde, os locais onde se buscará não intervir de forma a descaracterizar o pré-existente, e em vermelho a área que será mais alterada.



Diagrama exemplificando graficamente a relação do terreno com a luz natural.

1. Programa

O programa de necessidades é baseado nos objetivos gerais e específicos gerados pelo estudo de usuários, sem desconsiderar toda a pesquisa e estudos desenvolvidos, principalmente no se diz respeito à morfologia do lugar e sua dimensão. Foram estabelecidas funções principais, sendo:



Tais funções dividem-se e em dois grandes blocos:



E os blocos se materializam, dando forma ao programa:



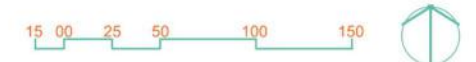
2. Zoneamento

4.2.1. Espacialização das funções

- Área de intervenção
área = 141.030 m²
- Circuito
área = 8.302 m²
- Pontes e píeres
área = 1.801 m² + 195 m² + 206 m² = 2.203 m²
- Tirolesa
- Estruturas de apoio
área = 625 m² + 629 m² + 628 m² + 1.407 m² = 3.290 m²
- Jardim 2.687 m²
área = 2.687 m²
- Playgrounds
área = 1.242 m² + 698 m² = 1.940 m²
- Quadras poliesportivas
área = 1.666 m² x 2 = 3.332 m²
- Estruturas de acesso
área = 1.052 m² + 1.130 m² = 2.182 m²
- Área de piqueniques
área = 1.670 m²
- Piscinas naturais
área = 1.654 m²
- Campos
área = 3.916 m²
- Bosque
área = 12.816 m²
- Saídas para trilhas
- Praça de alimentação
área = 1.502 m²
- Edificação
taxa de ocupação = 500 m²



ÁREA TOTAL : APROXIMADAMENTE 140.000 M²
(14 ha)



4.2.2. Caracterização dos ambientes

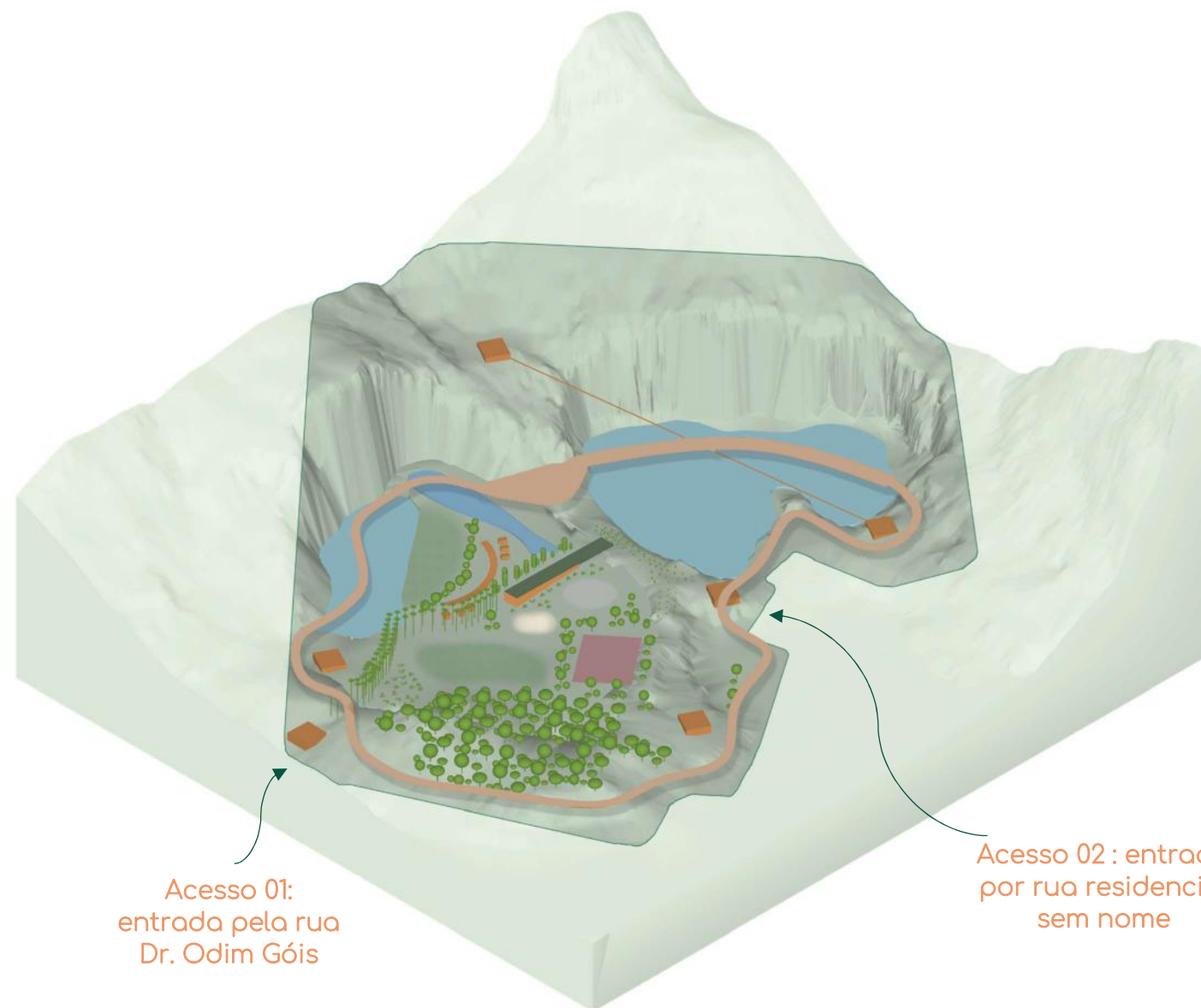
Ambientes definidos por massas vegetais:

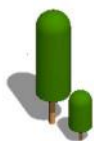


Jardim e espaços de transição entre ambientes: As herbáceas serão utilizadas em espaços abertos onde se deseja ter uma vista ampliada como a entrada 02 do parque, com intuito de receber os visitantes com uma bela vista e o aroma das flores. E também nas bordas do percurso, de forma a trazer a escala do parque à escala do pedestre.



Espaços de transição entre ambientes e maciço arbóreo pré-existente (bosque): Ambientes de sombra, contemplação e refúgio, produzidas através de espécies arbóreas de copa horizontal, ora afastadas permitindo maior permeabilidade visual, ora mais aproximadas, formando uma espécie de “teto” pela junção de suas copas.





Espaço entre a edificação central e a área de alimentação: As espécies arbóreas de copa vertical serão utilizadas no entorno da edificação central, no objetivo de proteger sua fachada oeste da incidência de sol no período da tarde, mesmo que esta não receba insolação por um período prolongado devido à topografia do lugar. E também acentuando a hierarquia da construção e compondo a paisagem no nível de sua cobertura habitável.

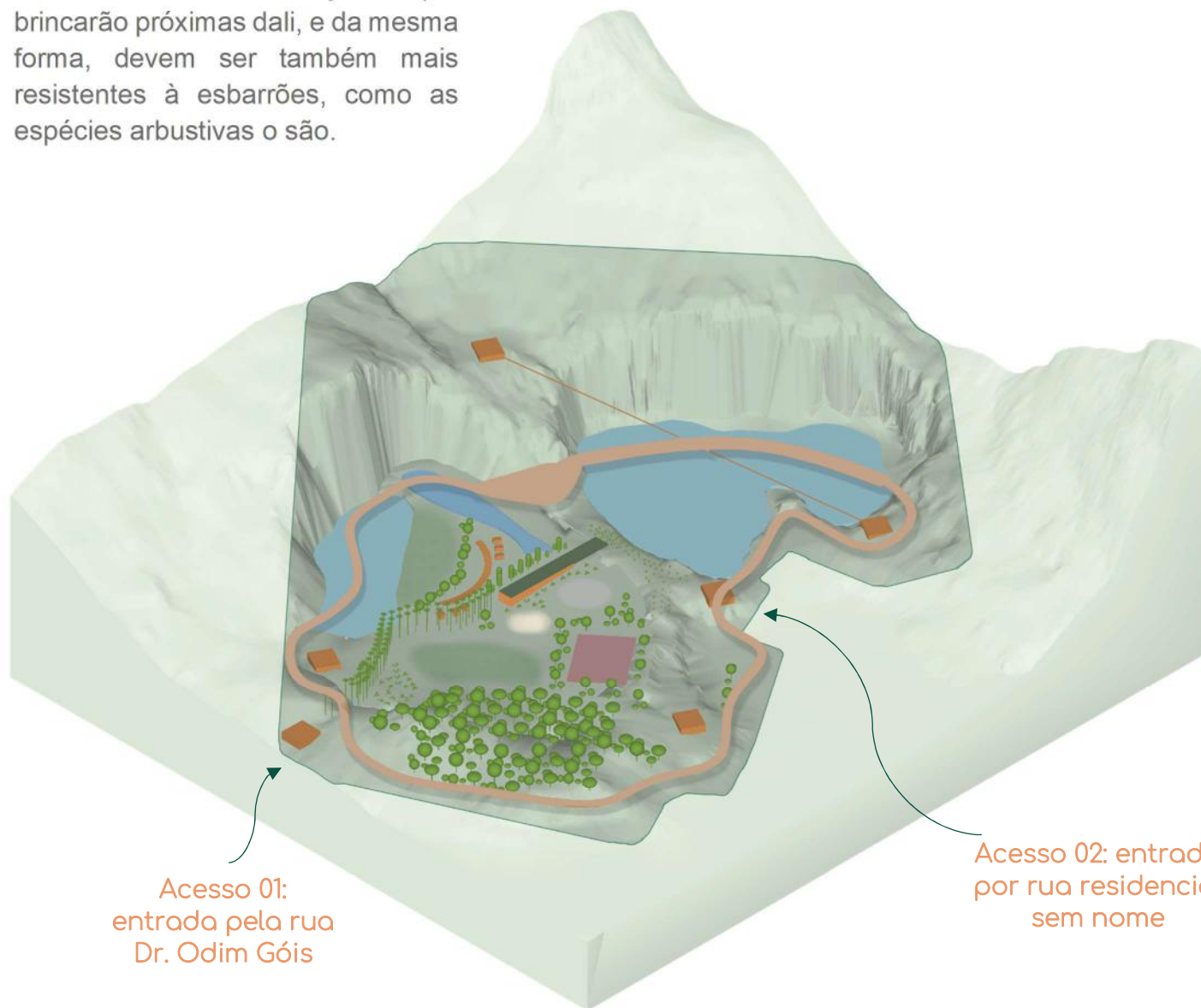


Percurso principal, do acesso 01 à edificação central: Esse caminho encarrega-se de receber a maior quantidade de visitantes do parque e encaminhá-los à edificação central, portanto receberá destaque através de palmeiras que marcarão a hierarquia deste percurso e o tornará reconhecível à longas distâncias.



Área de transição entre a edificação central e os playgrounds: Essa área de transição localiza-se de frente à fachada leste da edificação central, portanto deve conter espécies que não obstruam a entrada de

iluminação natural no edifício, mas que consigam dar sombra necessária às crianças que brincarão próximas dali, e da mesma forma, devem ser também mais resistentes à esbarrões, como as espécies arbustivas o são.



Ambientes definidos por estruturas construídas:

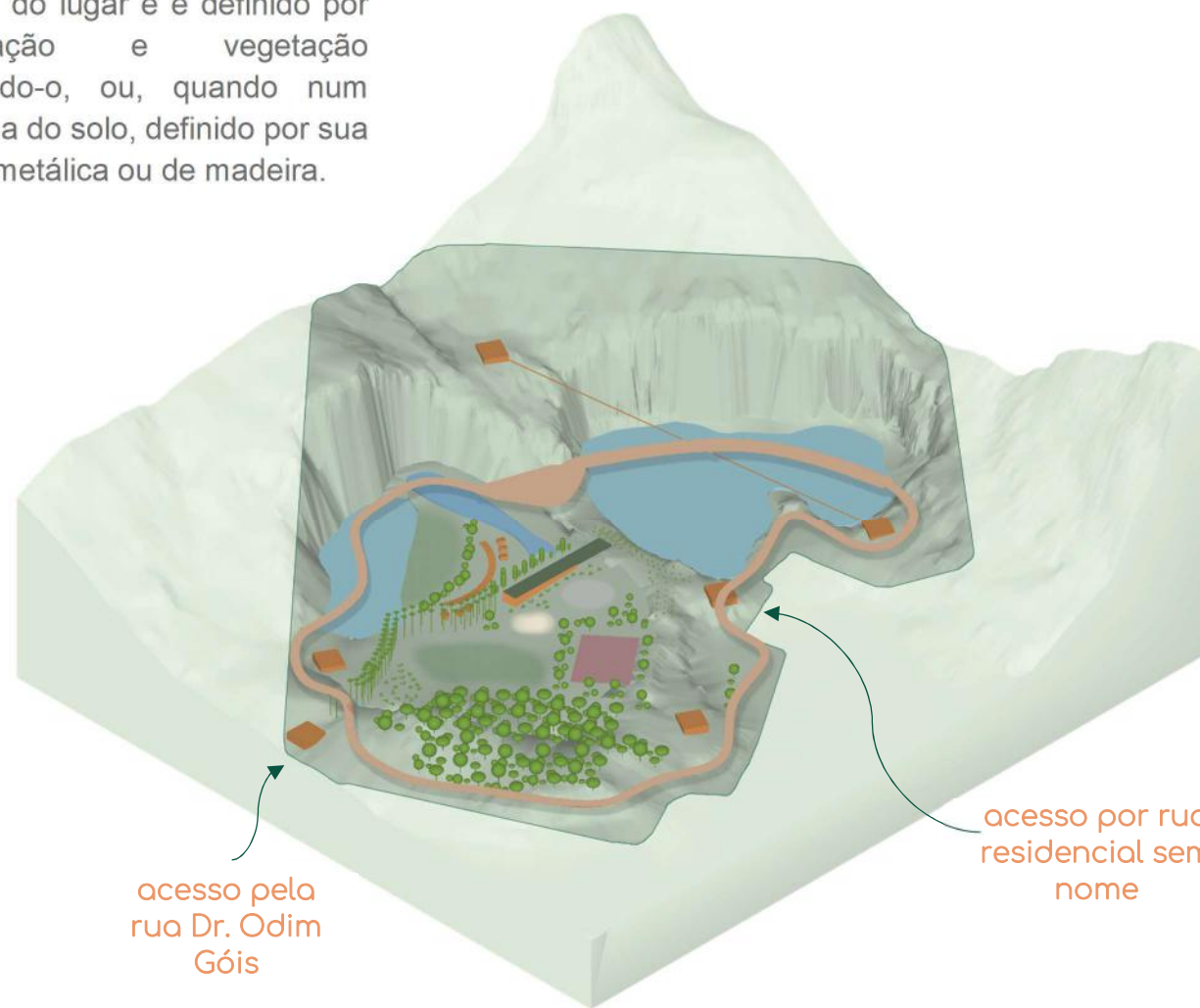
■ **Estruturas de acesso e de apoio:** Pequenas edificações que abrigarão serviços essenciais e apoio às atividades de lazer.

■ **Edificação central:** com uma localização central, e fachada leste alongada, buscando um aproveitamento de luz natural, ela abriga os principais setores para o funcionamento do parque, guardando também a função de sediar o Parque Estadual da Pedra Branca sendo um local de visitação e informação gerais sobre o mesmo. Também é onde localizam-se as salas de aula e espaços para atividades internas. Além disso, sua cobertura é uma extensão do percurso do pedestre visitante.

■ **Praça de alimentação:** área definida por pequenos quiosques para comerciantes locais, pavimentação diferenciada e cobertura vazada para produzir algum sombreamento nos horários mais ensolarados, sem que haja perda de luz natural nos

horários com menos incidência de luz.

■ **Circuito, pontes e píeres:** Percurso em diferentes níveis, que se ajusta à topografia do lugar e é definido por pavimentação e vegetação contornando-o, ou, quando num nível acima do solo, definido por sua estrutura metálica ou de madeira.



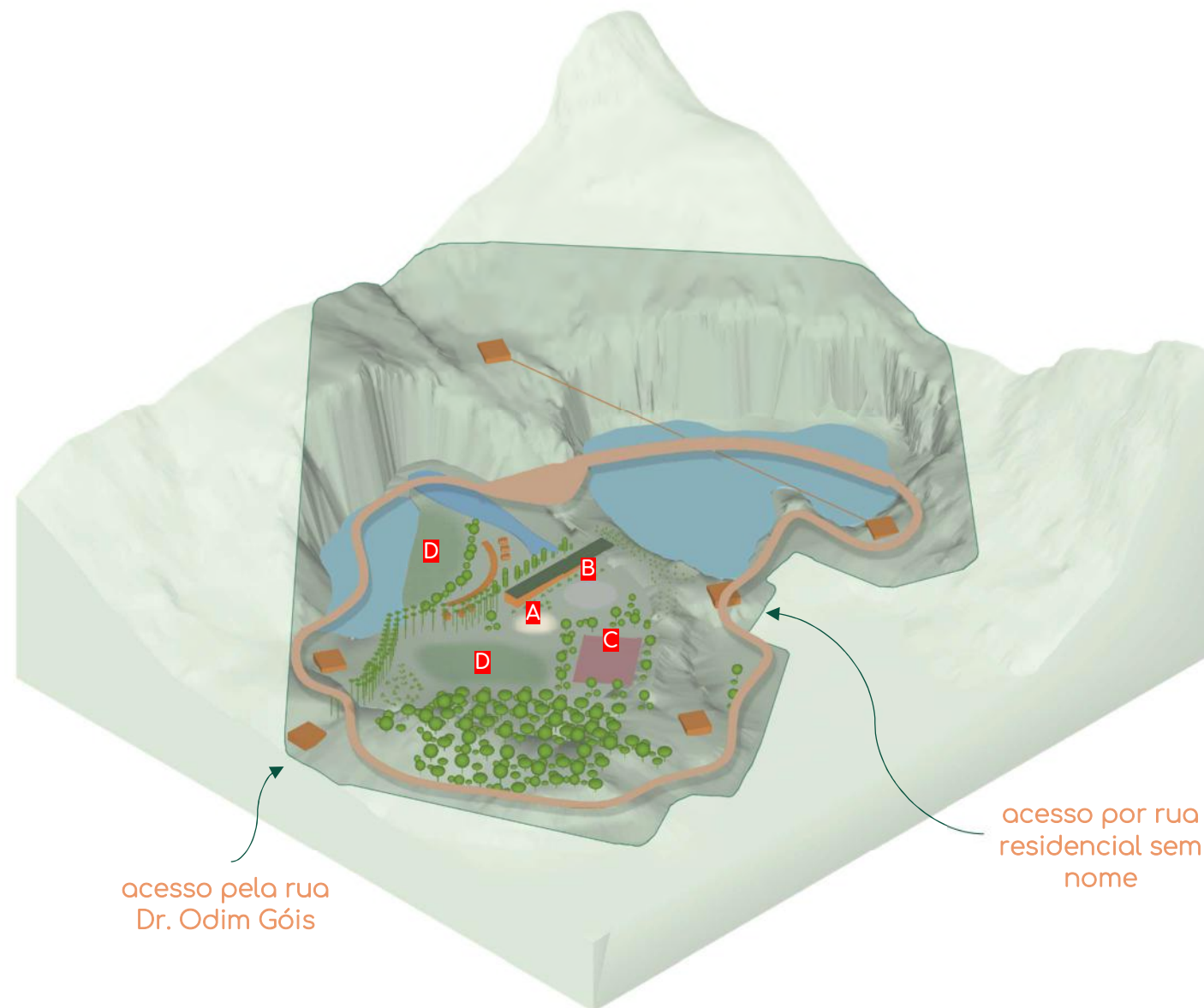
Ambientes definidos por forrações e pisos:

A **Playground 01:** Área ampla e sem vegetação, definida por cercamento e forração do solo em areia, destinada ao uso por crianças de 0 a 5 anos, próximo à edificação central para que haja mais segurança.

B **Playground 02:** Área ampla e sem vegetação definida por pavimentação, em concreto intertravado ou liso, que permita que crianças de 5 a 12 anos corram sem obstrução, brinquem, pratiquem atividades esportivas ou o que vier às suas mentes.

C **Quadra poliesportiva:** Área delimitada por alambrado e pavimentação adequada às práticas desportivas.

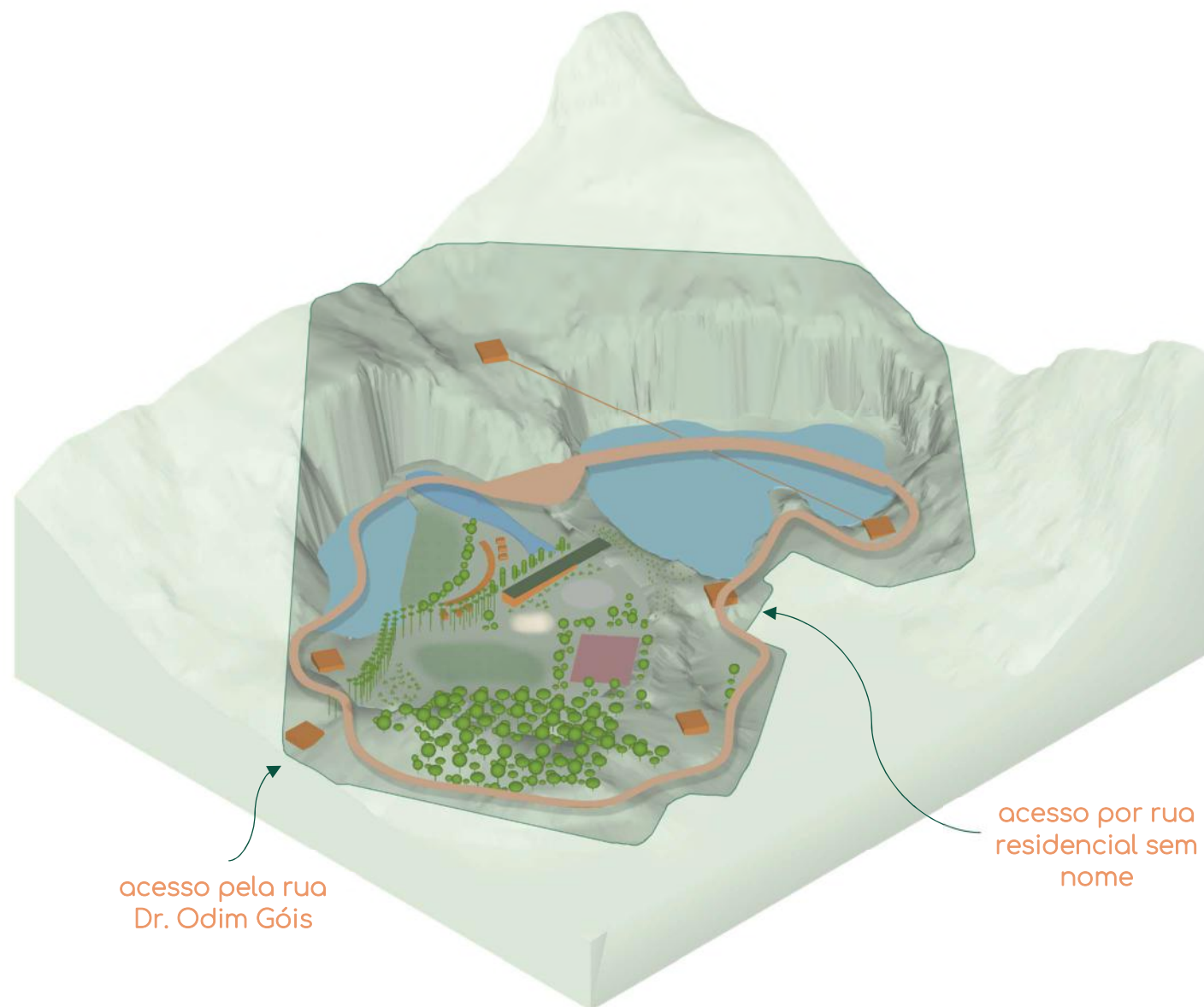
D **Campos e área para piqueniques:** Espaços gramados e amplos destinados à práticas de esportes, atividades físicas ou piqueniques e atividades sociais.



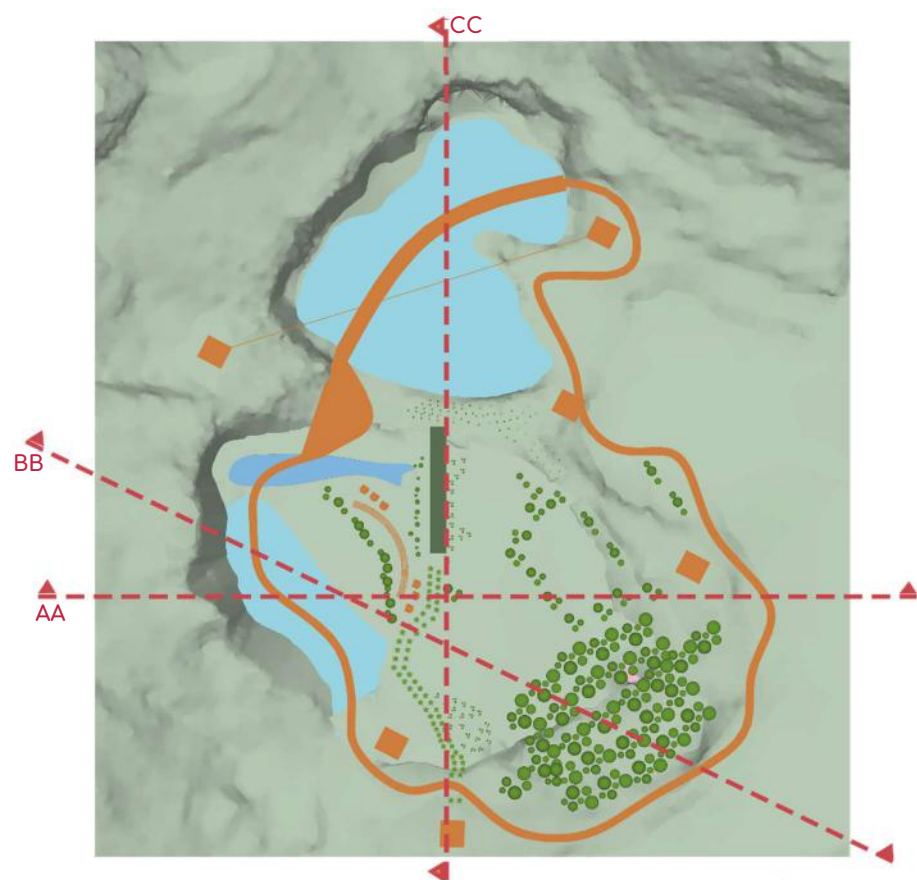
Ambientes molhados:



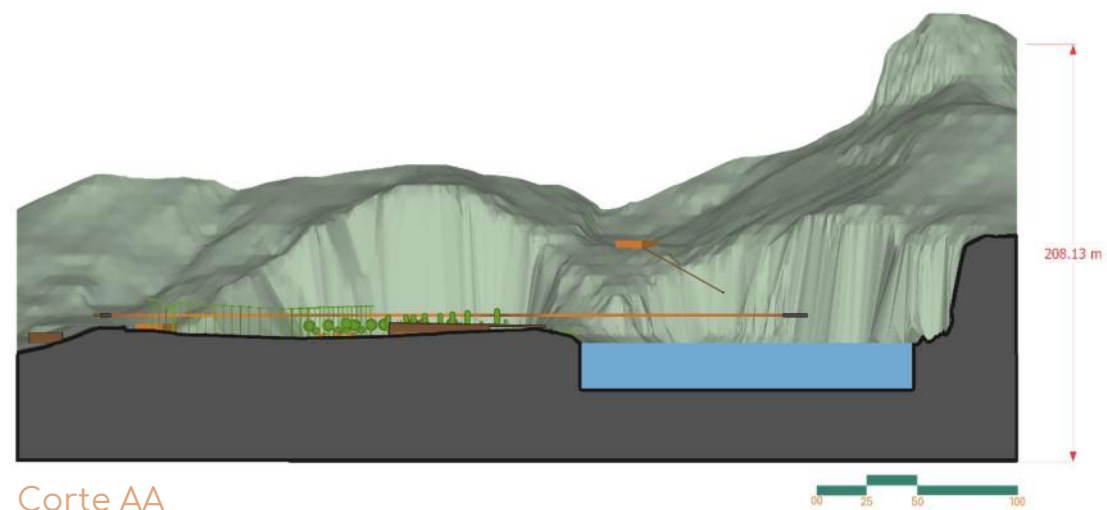
Piscinas naturais e lago: Possuirão um entorno amplo e em alguns casos com coberturas móveis, possibilitando não só a interação direta com os mesmos, mas também a contemplação e o banho de sol em suas margens. As piscinas serão posicionadas de preferencialmente numa localização mais central do parque, de forma a receber mais insolação, porém não muito distantes dos lagos.



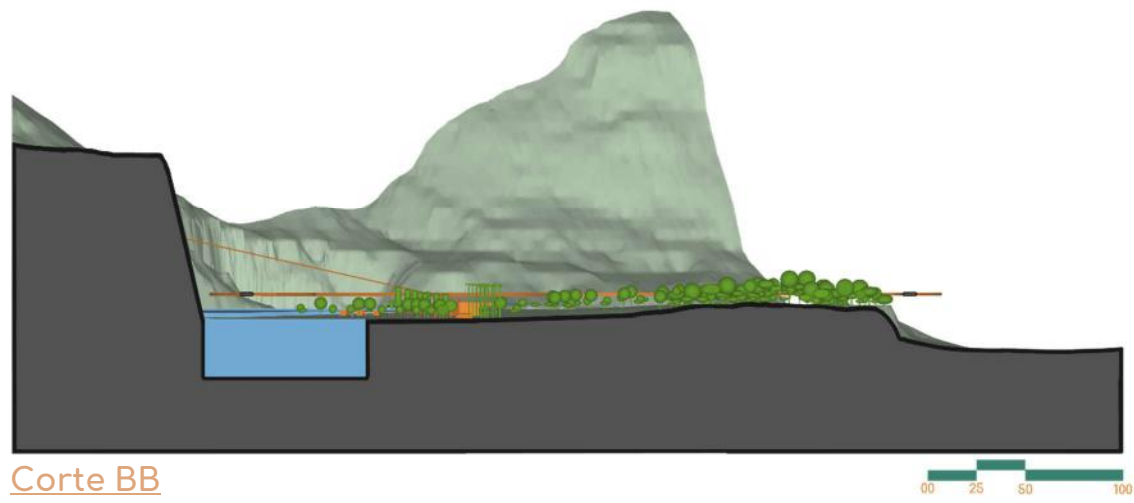
Cortes e visadas do modelo 3d com a aplicação do zoneamento proposto:

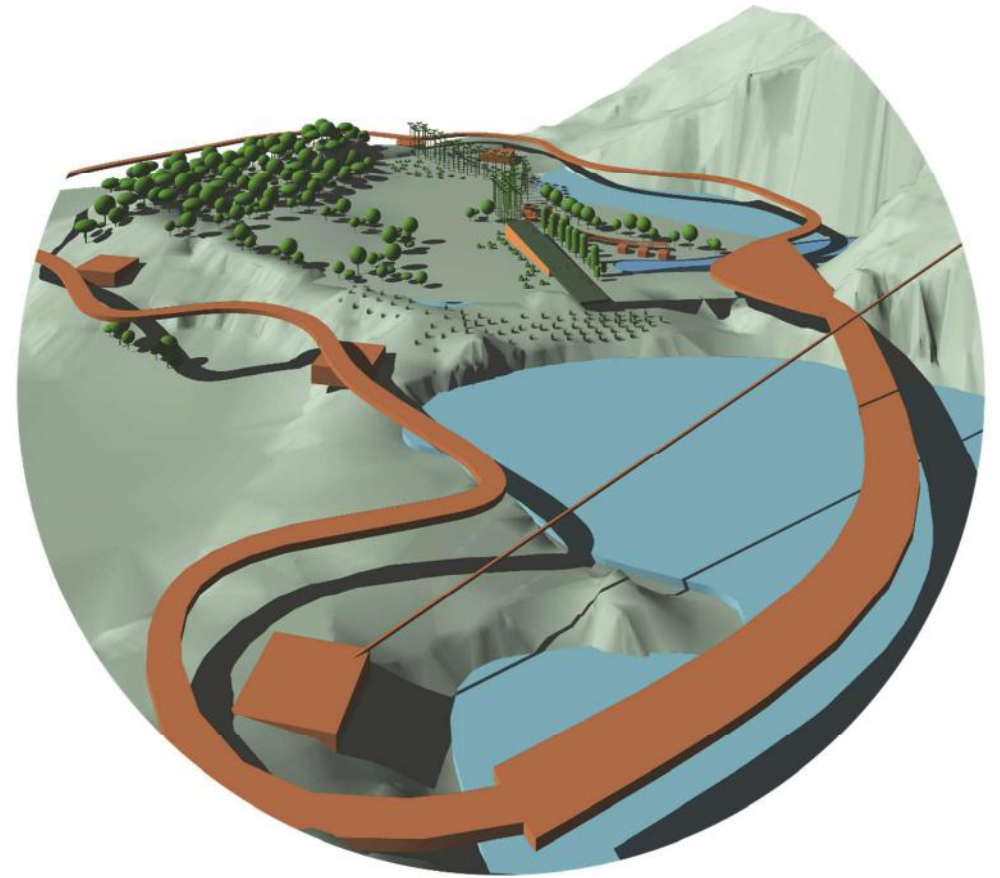
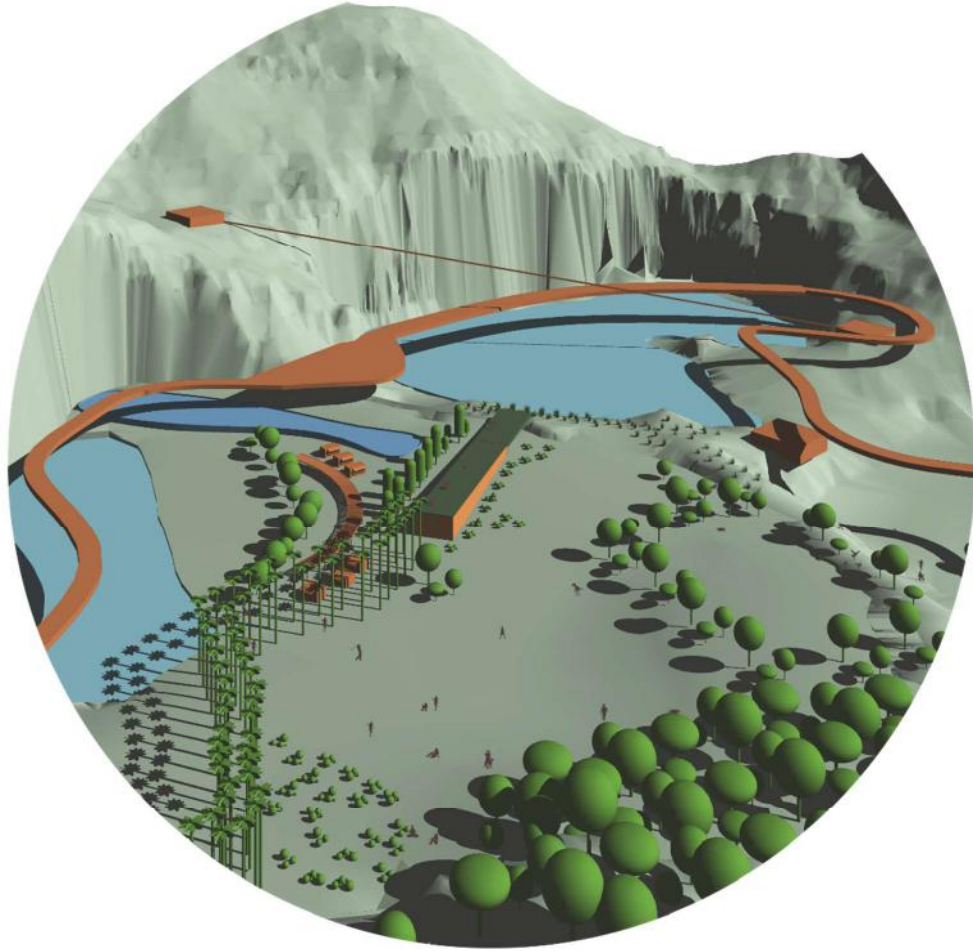


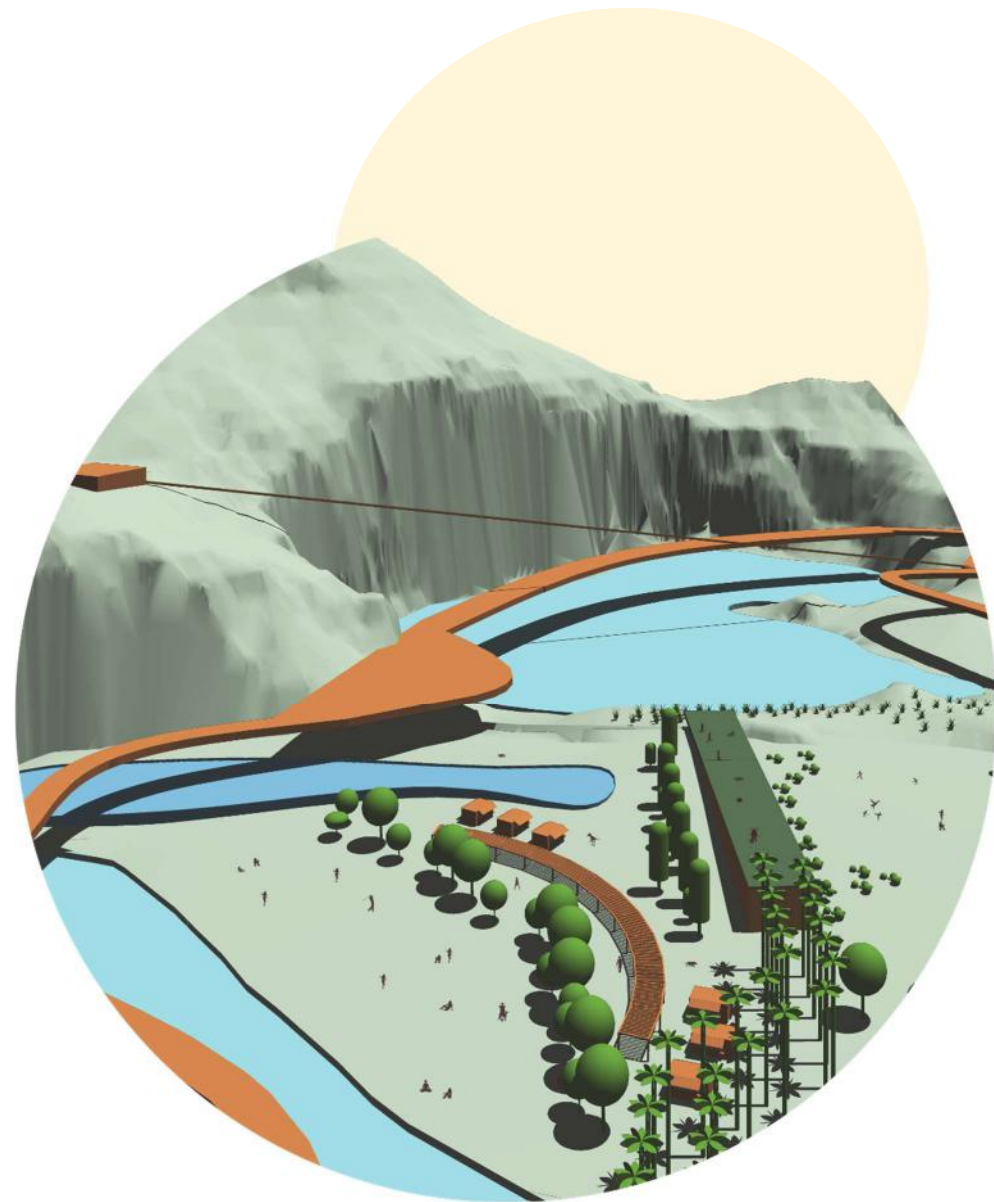
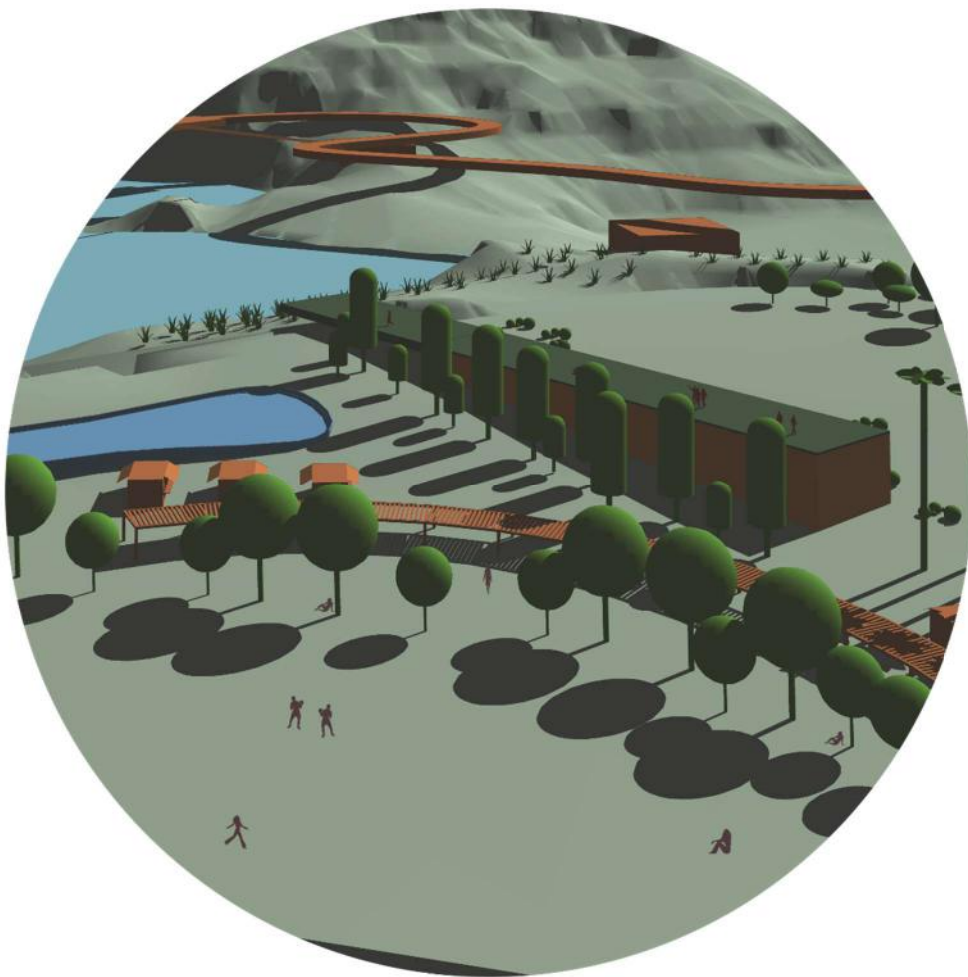
Planta baixa com aplicação do zoneamento proposto



Corte AA

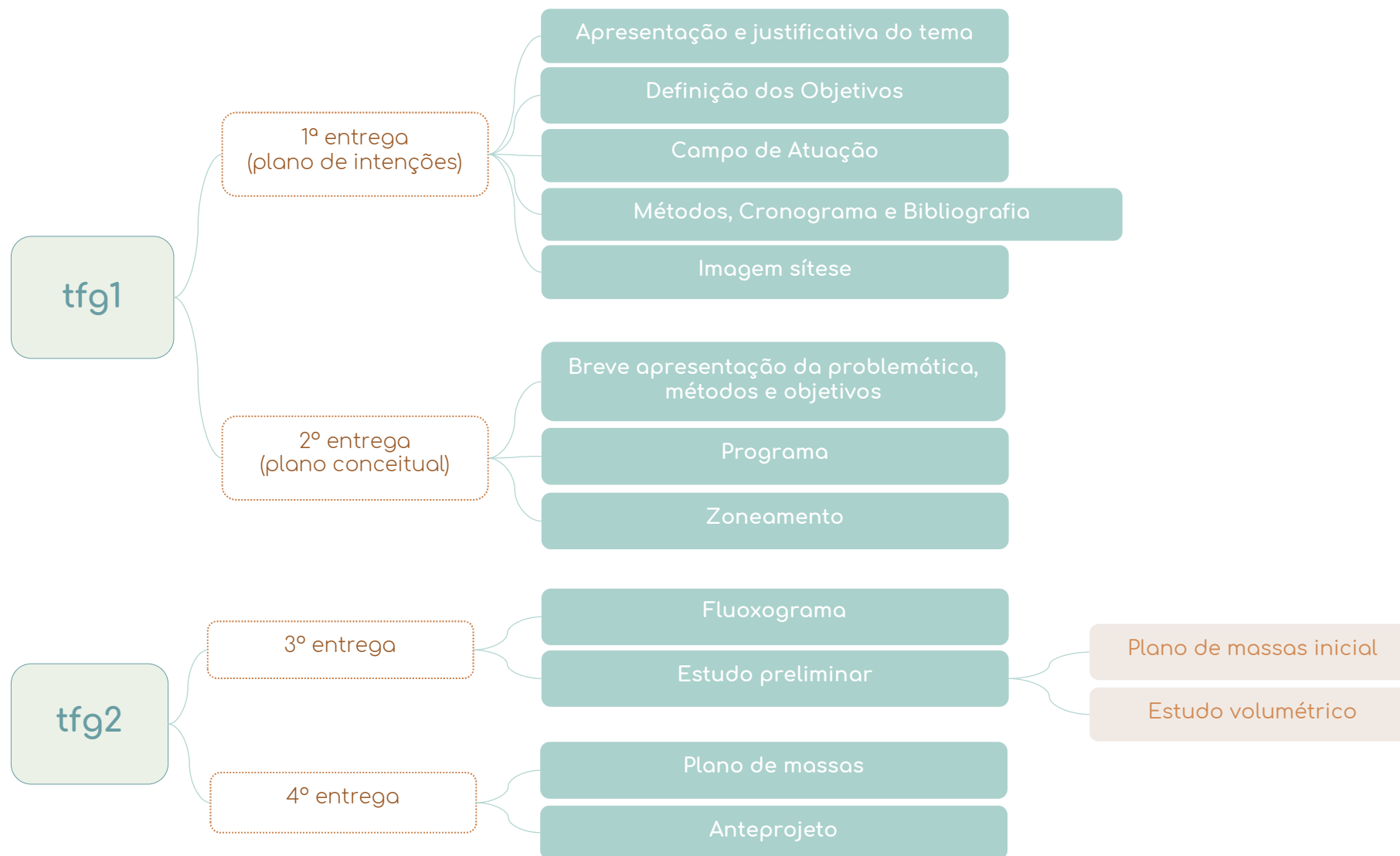






8. Cronogramas

1. Cronograma Geral



3. Cronograma Detalhado de TFG2

mês	semana	tarefas	produtos	marcos
Novembro	Semana 01	análise do trabalho desenvolvido anteriormente e desenvolvimento do fluxograma	fluxograma	
	Semana 02			
dezembro	Semana 03	estudo volumétrico áreas edificadas	estudo preliminar	
	Semana 04			semana do natal
	Semana 05			semana do ano novo
janeiro	Semana 06	desenvolvimento do plano de massas inicial	plano de massas definitivo	
	Semana 07			
	Semana 08	montagem da apresentação gráfica		primeira entrega
	Semana 09	desenvolvimento do plano de massas definitivo		
fevereiro	Semana 10	desenvolvimento do anteprojeto arquitetônico	anteprojeto arquitetônico	
	Semana 11			
	Semana 12			
	Semana 13	elaboração da apresentação gráfica	apresentação gráfica	entrega final
março	Semana 14	ensaio da apresentação oral	apresentação oral	semana de bancas

9. Bibliografia

- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. Tradução de Silvia Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva: SESC, 2008 [1974].
- MEINIG, Donald W. O olho que observa: Dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, (UERJ). Rio de Janeiro, n13, p. 35-46, Jan/Jun de 2002.
- FAYER, Aline. Parque Pedra E Água. In: **Arquitetura Paisagística: Arte, Natureza, Cidade**. Organização Patrícia Maya e Raquel Tardin e outros. Rio de Janeiro: Rio Books. UFRJ POURB, 2017, p.59-70.
- ABBUD, Benedito [ilustrações Hélio Yokomizo]. **Criando Paisagens: Guia de trabalho em arquitetura paisagística - 4ª edição**. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.
- INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE, INEA (Brasil). **Plano de Manejo do Parque Estadual da Pedra Branca**. Rio de Janeiro, 2013.
- INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE, INEA (Brasil). **Guia de trilhas do Parque Estadual da Pedra Branca**. Rio de Janeiro, 2013.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Brasil). **Plano de Manejo do Parque Nacional da Tijuca**. Brasília, 2008.
- CRISTOFOLETTI, Antonio. **Geomorfologia**. Ed. Edgard Blucher. Rio Claro, 1974.

10. Acervo fotográfico



Figura 62: Terreno em regeneração na parte aterrada do Lago na Ligação. 2020.



Figura 63: Lago na Ligação antes do aterramento. Anterior a 2015.



Figura 64: Pescadores na parte ainda existente do Lago na Ligação. 2020.

11. Imagem Síntese



Um parque no Logo do 0607

